

23 FEV 35
MORTE

Diário de Lisboa

11—Avença—Of.

Biblioteca Municipal Central de

41408

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO—Rua de Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOIA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da **RENASCENÇA GRAFICA**
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0371, 2 0372 e 2 0373
Endereço telegrafico: DIBOIA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

NOTICIARAM os jornais que, pela pasta das Obras Publicas, foi nomeada uma comissão que estudará uma melhor instalação da Biblioteca Nacional no edificio onde agora se encontra, desde que saiam dali, como tambem se projecta, a Escola de Belas Artes e o Museu de Arte Contemporanea.

Admite-se tambem a hipotese de ser construido, para a Biblioteca Nacional, um edificio novo.

Cabe aqui lembrar que a Biblioteca Nacional, antiga Biblioteca Publica, encontra-se instalada no antigo convento de S. Francisco desde 1836, devoluto nessa epoca pela extinção das ordens religiosas. Antes estivera a Biblioteca num palacio no Terreiro do Paço, do lado occidental, e que ardeu naquele ano.

A Real Biblioteca Publica de Lisboa foi criada em 1796, por proposta apresentada a D. Maria I pelo marquês de Ponte de Lima, que foi o primeiro inspector, e pelo desembargador Seabra da Silva. O bibliotecario-mor foi o famoso Antonio Ribeiro dos Santos, lente de direito em Coimbra.

Foram fundação da Biblioteca Real as livrarias dos conventos dos Jesuitas, as das Mesa Censoria, depois a dos Paços do Duque de Bragança, os legados de Ribeiro dos Santos, e as colleções das ordens religiosas; enriqueceu-se com as aquisições do Estado em varias epocas, principalmente com a livraria de D. Francisco de Melo da Camara.

Nos ultimos trinta anos a Biblioteca Nacional aumentou consideravelmente com aquisições novas, legadas e transferencia de volumes. Pode calcular-se em 230.000 volumes impressos e 12.000 manuscritos o seu recheio, em boa parte valioso, com especies raras, e preciosas antiguidades.

Indiscutivel é, porém, que as suas actuais instalações são precarias, insufficientes, e que o edificio não tem condições algumas — por agora — para servir ao fim a que foi adaptada.

O BOLETIM da Direcção Geral da Estatistica do Ministerio das Finanças insere o quadro dos indices-numericos do custo da vida referido a 1934, sobre a logica base de 100 de 1914.

Por esse indice se vê que nos ultimos seis meses o custo da vida se agravou em Lisboa acima dos indices de 1933, 1932 e 1931, tendo atingido a casa dos 2.000 pela primeira vez depois do ano de 1930.

NO mês de dezembro passado a Inspeccão Geral dos Servicos de Fiscalização dos Generos Alimenticios applicou multas que somam 210 contos, dos quais 71 tiveram de ser pagos por imposição do tribunal.

O leite e o pão foram generos que, por falsificação ou falta de peso, maior contingente deram.

PELA VERDADE

O sr. presidente do Conselho costuma falar com franquesa apresentando ao pais não a nebulose dos seus projectos, mas o traçado da sua realização — já feita ou a fazer-se imediatamente. Não se esconde no vago nem no imponderavel: quando fala ou escreve, dirige-se sem rodeios ao pais que trabalha, produz e pensa, dizendo simplesmente o que é necessario, na expressão limpida da sua palavra que sabe amoldar se aos factos, ás ideias, ás imagens e até aos numeros a que atribui uma eloquencia especial.

Muitos dos seus adversarios não ignoram isto, sendo vulgar ouvir-lhes:

— Não ha duvida de que Salazar sabe pôr os pontos nos i.

Para que a politica não seja uma arte de embair os incautos e de servir os compadres, requere-se que quem a pratica tenha uma alta noção das suas responsabilidades aliada a um claro entendimento dos seus principios e problemas.

Os inferiores, por mais que se esforcem em assumir nobres atitudes, trabalham em vão: a sua indole não os fadou para o apostolado. O homem verdadeiramente grande, consoante o pensamento dum grego illustre, não governa os seus semelhantes, mascarando as suas intenções — á semelhança dos déspotas e dos sapátras.

O povo, entre outros direitos inauferiveis, tem o de exigir que lhe não falseiem nem corrompam o cuidado com que vela pelas cousas da Patria. Não se demandam longos arrazoados para explicar a verdade á gente humilde: basta a sinceridade convincente e o calor communicativo. Ha em nós um instinto que nos põe de sobreaviso, assim que o palrador sem fé nem lei pretende arrastar-nos para o campo suspeito das suas divagações metaforicas.

Sob este ponto de vista, o sr. presidente do Conselho constitue um caso novo: não tergiversa, nem hesita, nem encobre a sua consciencia de estadista, com aquilo que Carlyle apodava de «fantarras de retorica». Quem o quiser entender deve ouvi-lo ou lê-lo, na pureza das suas declarações.

A sua frase, tão expressiva como sintetica, não se presta aos jogos subtis da sofistica: brota da confiança que criou em volta de si — confiança que se robustece na coragem moral que lhe vem da certeza de que não ilude nem mente.



— O' Maria: por que é que se passa a roupa a ferro?
— E' para lhe tirar as rugas.
— Então por que não passas tambem a cara da avózinha?

UM morador do novo bairro do Montepio Geral, na estrada de Benfica, escreve-nos reclamando luz para aquele bairro ás escuras. «Temos bradado aos ceus, feito representações, apelado para a imprensa, a Camara concorda com as nossas reclamações de luz num bairro novo a 15 minutos da Baixa — e a respeito de luz, nada».

— Não ha verbal...

A pessoa que nos escreve interroga «pois como isto succede, e manter-se, em plena Lisboa? Aquilo parece um cemiterio de casas, e a obra do Montepio fica assim atraçoada. Não ha verba para luz?! Sentimos esta injustiça e respeitadamente nunca deixaremos de protestar e de pedir... luz».

Indiscutivelmente ha razão para este brado.

SOFREU ha dias uma melindrada intervenção cirurgica, para o que teve de recolher ao hospital da Trindade, no Porto, o nosso querido amigo sr. Joaquim Soares, que se encontra felicemente livre de perigo.

A operação decorreu com a maior felicidade, graças á notavel competencia do illustre cirurgião dr. Alberto Saavedra, que foi coadjuvado pelos srs. drs. Oliva Teles e Antonio Pezinho.

A informar-se do estado de saúde do sr. Joaquim Soares, que pela nobreza do seu caracter e pela bondade do seu coração conta gerais simpatias, têm ido ao hospital da Trindade numerosos amigos, que têm acompanhado com ansiedade o estado do enfermo.

A PARECEU nas livrarias um novo livro da sr.ª D. Ana de Castro Osorio, «Quatro Novelas», das «Edições Descobrimientos».

O nome literario e a obra já publicada pela illustre autora garantem o exito desta sua nova produção, que inclui, como o titulo o indica, quatro novelas «A Vinha», «A Feliceira», «Diario de uma criança» e «A sacrificada». A este livro nos referiremos no nosso suplemento literario.

NO mercado livreiro entrou um novo livro de Maia Alcoforado, «A' boca pequena», colleção de interessantes chronicas reunidas em três capitulos «Almas e corações», «Campo de Cruzes» e «Friso de Sombras». E' a obra de um peregrino, que andou pelas veredas estreitas do exilio na propria terra natal. E não é um livro politico, mas uma obra essencialmente literaria, a que nos referiremos a seu tempo.

ENCONTRA-SE ha dias em Lisboa e regressa amanhã ao seu posto o sr. Fernando Vasques, consul de Portugal em Casablanca, e cuja acção a favor dos interesses da colonia portuguesa em Marrocos tivemos já occasião de elogiar.

TEATROS E CINEMAS

BOLSA DE LISBOA

22 de fevereiro
CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 6 1/2 1/2, 1923	1.112.800	1.111.900	1.113.400
convert. em 4 3/4 1/2, 1931	1.157.800	1.057.800	1.058.800
Consolidado 5 1/2 1/2, 1933	999.000	968.000	994.000
5 1/2 1/2, 1933	928.000	927.000	928.000
4 1/4, 1934	928.000	927.000	928.000
Externo 3 1/2 1/2, Serie 1	1.077.800	1.076.000	1.079.000
3 1/2 1/2, "	317.000	316.000	317.000
3 1/2 1/2, "	317.000	316.000	317.000
Emp. 4 1/2 1/2, 1912	500.000	500.000	500.000
6 1/2 1/2, 1930 (Lancol)	819.000	819.000	819.000
6 1/2 1/2, 1930 (Partid)	819.000	819.000	819.000
6 1/2 1/2, 1932	1.070.000	1.070.000	1.070.000
Actões			
Comercial de L.ª port.	300.000	300.000	300.000
Labor & Agros	300.000	300.000	300.000
Portugalia	300.000	300.000	300.000
Capitão Santo	300.000	300.000	300.000
O.ª de Seguros	300.000	300.000	300.000
Companhia	300.000	300.000	300.000
Fiduciária	300.000	300.000	300.000
Municipal	300.000	300.000	300.000
Nacional	300.000	300.000	300.000
Sagres	300.000	300.000	300.000
Tegus	300.000	300.000	300.000
O.ª diversas			
C. P. ordinarias	96.000	96.000	100.000
" " privilegiadas	700.000	700.000	700.000
Agua de Lisboa, port.	238.000	238.000	238.000
Cerveja Estrela	600.000	598.000	606.000
Cimentos de Leiria	302.000	274.000	284.000
Credito Predial	67.000	66.500	67.200
Ez e Electricidade	388.000	388.000	388.000
Fabacos de Portugal	510.000	510.000	510.000
Fabriqueira	440.000	435.000	439.000
União Electrica Portug.	161.000	163.000	165.000
Oblições			
Assuar d'Angola	440.000	435.000	439.000
Issu-1.ª emissão	389.200	389.200	391.000
"-2.ª	161.000	163.000	165.000
ilha do Principe	528.000	527.000	529.000
Oblições			
C. P. 6 oio	120.000	120.000	124.000
Predias 6 oio-1931, 1.ª	119.500	119.000	119.000
"-7 oio	120.000	120.000	124.000
U. Electrica de L.ª 7 1/2	130.000	130.000	131.000
Issu 9 oio	119.500	119.000	120.000

Henrique de Barros Gomes
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
Telex 2 5482 Rua S. Julião, 66

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Andres	1108.00	1108.00
Baria	1849.7	1849.8
Madrid	2810.3	2810.5
San-York	2240.4	2240.4
urich	731.7	735.4
Loma	189.2	189.2
Bruxelas	682.4	682.9
Amsterda	632.8	634.2
Serilim	981.0	981.4
FRAN	491.5	491.6
Libra ouro	14.9	14.95

RUTHER — é a ultima criação científica para estimular o Bulbo Piloso.
A' venda na Drograria Portugal, Avenida Almirante Reis, 65 F.

O RESTAURANTE «CHIC», da praça dos Restauradores, aberto toda a noite, dá garantia de aseo porque tem uma cozinha modelarmente montada e uma «Frigida» que mantém os mariscos, carnes e peixes, nas melhores condições de consumo.
Serviço à Carta, rapido, abundante e perfeito.



Palacio Aviz
Permanentes garantidas por seis meses, incluindo corte, lavagem Miss Loção. Preço unico, 30.000.
Executadas pelo artista
Tomás Espanhol
LARGO DO CALHARIZ, 17, S. L.
Telex 2 8314

O super Carnaval do Ginnasio

— Está definitivamente assente que a companhia Maria das Neras, do Maria Victoria, realizará no Sá da Bandeira, do Porto, depois do Carnaval, uma série de espectaculos com a revista *Viva a Féria*, fazendo a sua estreia naquela cidade a artista Mirita Casimiro.
— No ante-penultimo espectáculo que se realisa esta noite no Odeon com a companhia de variedades, Cantare apresentará porras esportivas de Rishonismo, que descomponem de mais aspectos, e «Alma Alcorca» para ouvir as suas representações. João, saluando, encerramos neste jornal. Domingo: Ultima cantinas e despedida de companhia.
— É hoje que se realisa, no teatro Sá da Bandeira, do Porto, com a 80.ª representação da revista *Café com leite*, a recita de homenagem aos seus autores, sr. Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa.
Haverá um fim de festa, em que tomarão parte diversos artistas daquele teatro e do Rivoli.
— Foi a actriz Beatriz Costa quem deu a alternativa à novel actriz Maria Pinto, na revista em cena no Sá da Bandeira, do Porto.
— No Nacional está a dar as suas ultimas representações a esplandida comédia *Os cinco lobitos*, grande criação de Anelita Rey Colaço, anunciando-se para a proxima semana a opereta portuguesa *Solar dos Barrigos*, com Palmira Bastos.

O recital de Conchita Ulla

O programa do recital de canções que a grande artista Conchita Ulla realisa amanhã, no Trindade, ás 21 e 45 horas, é o seguinte:
1.ª Parte: La Castellana, M. Romero; Tu no eras eo, M. Romero; Prends-moi dans tes bras, Chamberg; O que eu queria dizer ao seu ouvido; V. Tavares; Não sei porquê; H. Tavares e Lamour est une étoile; V. Scoot.
2.ª Parte: Bonsoir, Richepin; Amel-te tanto...; C. Correia; Sem voz, Silvio Caldas; Silencio en la noche, G. Gardel e To ha querido, M. Abades.
3.ª Parte: Tudo é fumo...; dr. Antonio Vianna; Amor de Mãe, Casimiro Ramos; Atende, Jean Lenoir; Tenho uma raiva...; Voedé; Hakel Tavares e Chaland qui passe, C. Bizio.

A estreia de Procopio Ferreira

Entrou em ensaios de apuro a peça «Deus the pagues», de Joracy Camargo, que serve para apresentação do grande actor brasileiro Procopio Ferreira, no dia 8 de março, no teatro do Ginnasio. Os cenários de «Deus the pagues» são do artista Enrique Manz... de S. Paulo, e toda a peça é posta em cena com a maxima propriedade com que foi representada no Brasil onde obteve um êxito sem precedentes.

Atrás do reposteiro

Depois do Carnaval a revista *Dez do Pacotes* sofrerá uma remodelação, sendo-lhe introduzidos dois novos bailados de liero; um quadro intitulado *Fitas Sonoras*; varios numeros novos e um final novo para o 2.º acto.
— Partiu para a sua casa de Aljubarbota o escritor teatral Lourenço Rodrigues, socio da empresa do teatro Apolo.
— A actual companhia do Variedades depois do Carnaval vai realizar no Porto uma série de espectaculos declamados, no Carlos Alberto.
— Estreia-se amanhã em Coimbra, no teatro Avenida, com a comedia *O Menino Virtuoso*, a companhia de comedias do Trindade.
— Na festa que vai realizar-se no Apolo, dedicada aos mestres Raul Portela, Raul Ferrão e Correia Leite, estreiar-se-ão varios numeros das suas mais aplaudidas revistas, revista *Café com leite*, no Sá da Bandeira, do Porto, em recita dedicada aos seus autores, Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa.
— É no dia 25 do corrente que, em duas sessões, com um grande programa festivo, se realisa, no Maria Victoria, a recita de homenagem à artista Mirita Casimiro.
— Depois de amanhã realizam-se matinees nos teatros: Apolo, com *Dez do Pacotes*; Maria Victoria, com *Viva a Féria* e Variedades, com *Nobre Porto*.
— Realiza-se hoje, no Avenida, a 3.ª representação, pela companhia Maria Mitoz, a comedia brasileira *Onde estás, felicidade?*, o mais lindo espectáculo para senhoras e meninas.

PROGRAMAS DE NOITE

S. LUIZ
Telex 25175
Uma mulher para dois
Realização de Lubitsch, com Prade Pido March, Miriam Heitlin e Gary Cooper
Telex 2 4581

CENTRAL
Marquês...
á força
A's 21 e 30 com Dina Graila, Igo Nem e Paul Klemm
TELEX 22613

CONDES
Casamento do Sr. Director
A's 21 e 30 com Marie Glory, Jean Murat e Armand Bernard
Telex 16 83

ODEON
Ali Babá e os Quarenta Ladrões
A's 21 e 15

«O Rosario Quebrado»

Na proxima segunda-feira, o Central Cinema, apresenta um filme, distribuido pela



Derek Oldham

«S. U. S.», e que está destinado a um grande êxito. Trata-se de «O Rosario Quebrado» cujo enredo, de palpitante interesse, se inspiira na celebre «Ave Maria», de Gounod, e foca a maravilhosa historia dum «cantor que», contra tudo e contra todos, segue os impulsos do seu coração. Um espectáculo, em suma, de intenso agrado, brilhantemente desempenhado por Derek Oldham e Jean Adrienne.

Actualidades

Durante o ano de 1934 a Inspeção Geral dos Espectaculos censurou 268 filmes, com mais de cinco partes cada, enviados pelas seguintes casas distribuidoras:

Filmes Castelo Lopes	60 filmes
Companhia Cinematografica de Portugal	40 »
Paramount Filme S. A.	37 »
Metr-Goldwyn-Mayer	34 »
Sonoro-Filme, L.d.	34 »
Agencia Cinematografica H. da Costa, L.d.a	19 »
Soc. Universal de Super-Filmes (S. U. S.)	12 »
Soc. Iberica Construcções Electricas	10 »
Raul Lopes Freire	7 »
Filmes Luiz Machado	2 »
Ed. Proença da Silva Pereira	2 »
Tobis Portuguesa	1 »

268 filmes
Destes 268 filmes, 266 foram importados e dois se produziram em Portugal. Por cada 178 filmes estrangeiros, uma produção portuguesa!!!

Não fazemos comentarios. Apenas lembramos que existe qualquer coisa escrita que se refere a filmes num numero muito atrasado do *Diário do Governo*, e que até hoje, não demos té, de que tal se tenha cumprido.
Porquê?
— Encontra-se em Lisboa o director de distribuição da Paramount em Barcelona, D. Vidal Batet.

PROGRAMAS DE NOITE
TELEX 25175
S. LUIZ
Uma mulher para dois
Realização de Lubitsch, com Prade Pido March, Miriam Heitlin e Gary Cooper
Telex 2 4581

PROGRAMAS DE NOITE

S. LUIZ
Telex 25175
Uma mulher para dois
Realização de Lubitsch, com Prade Pido March, Miriam Heitlin e Gary Cooper
Telex 2 4581

CENTRAL
Marquês...
á força
A's 21 e 30 com Dina Graila, Igo Nem e Paul Klemm
TELEX 22613

CONDES

CONDES
Casamento do Sr. Director
A's 21 e 30 com Marie Glory, Jean Murat e Armand Bernard
Telex 16 83

ODEON

ODEON
Ali Babá e os Quarenta Ladrões
A's 21 e 15

PALACIO

PALACIO
(Chu-Shin-Chow)
com Anna May Wong, Fritz Kortner e George Robey
A's 21 e 30 Telex 47103

POLITEAMA

POLITEAMA
O fugitivo de Chicago
com Gustav Fröhlich, Lucie Ulrich e Lili Dagover
Filme de Isler, Dr. Ferusca do Instituto Maguelico de Paris
A's 21 e 30 Telex 2 6306

PARIS

PARIS
Tel. 2 8777 Boite 8 A B e 46
A GRANDE JAULA
A Cavalgada da Morte

CAPITOLIO

CAPITOLIO
Uma noite no Grande Hotel
Noite de Maio
Bilhete desde 1560

TERRASSE

TERRASSE
Escandalos Romanos
A's 21 e 15 Telex 20617 S.ª Moras de Paris

LVS

LVS
Telex 49560
A's 21 e 15
Uma noite de amor
Recordar é viver

JARDIM CINEMA

JARDIM CINEMA
A's 20 e 45
Uma noite, acoaleseu...
Matinée ás 14 e 45

ROYAL

ROYAL
A's 21 e 15
Telex 4 5037
A Princesa das Jazdas
PARTIR

Teatro Nacional
HOJE a encanta-lora HOJE
comedia com
AMELIA REY COLAÇO
Em ultimas representações
CINCO LOBITOS
NA PROXIMA SEMANA: — A opereta portuguesa de D. João da Camargy e Gervasio Lobato, Musica de Gervasio Cardoso.
O Solar dos Barrigos
com PALMIRA BASTOS
na principal papel
CARNAVAL DE 1935
Tudo aberto na bilheteira a marcenção de lugares para os 4 matins e para o tradicional SAKE INFANTIL.

AVENIDA HOJE
A's 9,30 horas
Um lindissimo espectáculo
Onde estás Felicidade?
A mais encantadora comedia para
Senhoras e Meninas

CONCHITA ULLA
A artista adorada das mulheres portuguesas
Realiza—Amanhã—A's 9,45 horas, no
TRINDADE
UM GRANDE
RECITAL DE CANÇÕES
com
UM PROGRAMA NOTABILISSIMO
Fitas, 55.000; camarões de 1.ª, 50.000; Idem de 2.ª, 35.000; molhonas, 12.000; cadeiras de orquestra, 10.000; cadeiras, 8.000; balcão de 1.ª, 12.000; balcão de plateia e de 2.ª, 6.000; balcão de 3.ª, 5.000 e galerias, 4.000.

APOLO
A's 8 3/2 e 10,45 horas
ZÉ dos PACATOS

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras: Condessa de Arge, condessa da Esperanca (D. Maria), D. Maria Inez Serpa Sarmiento de Barros Pinto, D. Maria Clementina Pereira de Melo, D. Inez Brito da Rocha e Melo, D. Madalena Bellard da Cunha e Meneses, D. Maria Adelaide Tameirão (Valado), D. Maria Leonor Manuel (Ataíde), D. Maria Amélia de Lancastre Freitas Alegre e D. Maria Luíza Druz.

DIPLOMATAS
No Avenida Palace, realizou-se ante-onite a noite um banquete de homenagem ao ministro da Polonia em Lisboa...

REGISTA DE Homenagem
Constituiu sem duvida alguma, um verdadeiro acontecimento mundano a noite da festa de homenagem aos cronistas mundanos e jocosas emanadas Vasco's e Sá e Mota Marques...

DOENTES
Na casa de saude da Estrela foi operada com muito exito pelo habil cirurgião Dr. Bastos Gonçalves a sr.ª D. Maria Ferro de Sousa Peres Murlinello.

«RUTHER» - deve sempre existir no seu tocador, repare bem e faça dele o seu confidente; pois ele restitui-lhe a os seus cabelos a sua coloração primitiva...

A venda na Drograria Agoreana de Ferreira & Ferreira, Lda, 99, rua da Prata, 101.

No CAFE-RESTAURANTE «CHICO» ha os melhores mariscos e cerveja, como a que melhor se tira nos estabelecimentos congêneres.



Amelia Augusta Lapa Dias da Silva Pinto

FALECEU

Seus filhos, nora, genro e netos cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua muito querida e chorada mãe, sogra e avó...

MAGNO

Contra almirante Agnelo Portella FALECEU

Julietta Portella Branco Cabral, seu marido e filha, Armando Portella, Henrique Portella, sua mulher e filha, Albino Pimenta de Aguiar, sua mulher e filhos, participam o falecimento do seu querido pai, sogro, avó, cunhado e tio, contra-almirante Agnelo Portella...

DESPORTES

A solução de um conflito

Começa no proximo domingo, o Campeonato de Lisboa

O «hockey» em campo, após três meses de paragem, volta agora a dar sinal de si. Por nos parecerem desconhecidas de grande parte do publico, as causas de abandono a que a modalidade do «stick» tem sido votada, historiamos, a traços largos, a questão e sua evolução.

Num jogo de começo da época, entre o Benfica e o Hockey os arbitros marcados não compareceram. Depois de instado pelos capitães dos grupos em Juba, dirigiu o encontro o presidente da Associação de Hockey em campo, sr. Almeida e Sousa, pessoa que tem dedicado ao «hockey» o melhor do seu esforço.

Almeida e Sousa levou o caso a reunião da direcção, e, seguindo o criterio já usado, propôs a applicação de varios castigos. Mas um dos directores, o sr. Gualtes Pinto que, como delegado do Hockey, occupava o cargo de tesoureiro, discrdiu da applicação dos castigos.

Daqui nasceu uma questão prolongada com evidente prejuizo para o «hockey».

Até que o prestigio dirigente, sr. Jorge Paiva, presidente da assembleia geral, resolveu intervir, pondo termo ao incidente.

O tesoureiro acabou por se demittir, ficando Almeida e Sousa no seu cargo. A direcção recompôs-se, e, arrumado este lamentavel conflito, começará, no proximo domingo, o campeonato de Lisboa de 1934-35.

O sorteio dos jogos

Verificada a inserção do Internacional Hockey, Benfica, C. E. Benfica,

Congresso Ordinario da U. V. P. Realiza-se hoje o Congresso Ordinario da União Velocipedica Portuguesa, para discussão e votação do relatório e contas da gerência de 1934 e eleição de corpos gerentes.

Antes da abertura do congresso, proceder-se-á a inauguração dos retratos dos seus falecidos consócios sr. Conde de Gifre, Magalhães Fonseca, e Luiz Trigueiros, a quem a velocipedica, nacional muito deve. O congresso effectua-se ás 21 horas e 30.

O ESPUNOSO Sagide E SUPERIOR L. da Anunciada, 19 - Tel. 2 7574



A bordo do cruzador alemão «Derflinger» soltam um voo entusiastico quando, numa salva dos seus canhões de grande calibre, afundam, fulminantemente, o grande «Galatias» da Marinha Inglesa.

Éis uma das cenas, relatadas com fira verdade e objectivismo, da obra de escadalo A verdade acerca da batalha da Jutlandia pelo Vice-Almirante J. T. Harpor, do Estado Maior Naval Ingles.

Edição portugueza com suggestivas gravuras «fora do texto», desenhos e diagramas. Esta obra deve o seu merito ao celebre «Illustrator» Harper, prohibido pela Agarratada Britanica e Camaras Inglesas, restabelec a verdade sobre este grande enigma da historia contemporanea.

Quem ganhou a batalha da Jutlandia? Alemães ou Ingleses?

Graves revelações - Sensacionais relatos Edição da Editorial Enciclopedia, Limitada - LISBOA - RIO DE JANEIRO

Distribuidores exclusivos: Empresa Nacional de Publicidade Rua do Diario de Notícias, 27

A' venda em todas as livrarias - PREÇO BROCHADO 10\$00 Esc.

O BAILE DOS MEDICOS

Nos lindos salões nobres da nossa Faculdade de Medicina, realiza-se amanhã o tradicional «Baile dos Medicos», festa que costuma impor-se pela elegancia da sua assistencia e pela alegria esultante que a tem caracterizado.

Durante o baile tocam duas orquestras, haverá uma lauta ceia e numerosos variedades desempenhados por medicos novos e veteranos, entre os quais se contam os drs. Pina Junior e Couto Vilna, que prometem contar engracadas aneddotas.

Entim, tudo se conjuga para que esta festa, em beneficio da Caixa de Previdência dos Medicos, resulte interessante e cheia de inesquecivel brilhantismo.

Pastelaria Cais do Sodre, L. da

Na nova Pastelaria Cais do Sodre, Limitada, realizou-se ontem, a noite, uma festa, organizada pelos seus gerentes os srs. Jose Miguel Correia, Francisco Nascimento da Silva, José Sanches, Domingos Augusto da Silva e Joaquim Rafael da Costa, que constituem a garantia bastante do bom fabrico e funcionamento daquele estabelecimento.

A Pastelaria Cais do Sodre, Limitada, que se encontra instalada na rua Bernardino Costa, 21 (ao Corpo Santo) e cujas portas abriram ao publico ha dias com um magnifico servico de doçarias, foi ontem a noite visitada por numerosas pessoas, que tiveram occasião de presenciar as suas modelares installações com fornos proprios e mas quas e cuidadosamente confeccionada toda a pastelaria.

Finda a visita, foi servido á Imprensa e aos numerosos convidados um finalissimo copo de agua, que serviu de pretexto para troca de afecuosos brindes.

Harmonico para um cego

Antonio Henriques Baptista, cego de nascença, e, portanto, impossibilitado de trabalhar, ha des annos ganhava, modestamente, a sua vida, cantando e tocando pelas ruas.

Sucedo, porém, que o harmonico, de tanto tocar, cansou, não sendo já susceptivel de concerto. Henriques Baptista, que tem dois filhos a seu cargo, e mora na rua Oliveira, 77, 2.ª, em Cacilhas, pede, por nosso intermedio, recursos para adquirir outro instrumento.

Apellando mais uma vez para a generosidade dos nossos leitores, inscrevemos o nome do pobre cego na administração do nosso jornal, onde podem ser recebidos os donativos.



Olimpia Pereira Fernandes Missa do 30.º dia

Antonio Joaquim Fernandes, Olimpia Fernandes Nunes, Maria Amélia Fernandes Teixeira seu marido e filha, Alina Fernandes Costa seu marido e filho, participam que mandam celebrar amanhã sabado 25 as 11 horas na igreja de S. Romão, uma missa satragando a alma de sua saudosa esposa, mãe, sogra e avó. Desde já agradecemos a todas as pessoas que se dignarem assistir ao piedoso acto.



R. I. P. Gertrudes Pastoria do Nascimento FALECEU

Ermelinda Pastoria do Nascimento e sua familia participam o falecimento de sua querida mãe, tia e madrinha, e que o seu funeral se realiza amanhã, 23, pelas 10 horas, da sua residencia, rua Palmira, 10, 4.ª, para o Cemiterio Oriental.

MAGNO

Companhia das Fabricas Ceramica Lusitania
Grandes fabricas de bons productos ceramicos de **TODOS OS GENEROS E PARA TODOS OS USOS**
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Setubal, Faro, Portimão e etc. **A CERAMICA QUE HONRA O PAIS!**

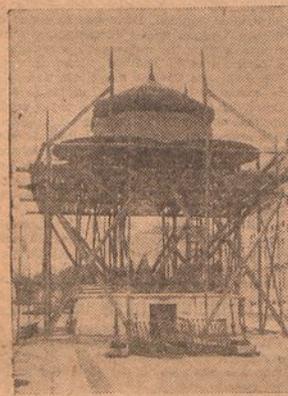
A Cidade

Escrita á Maquina
Ensino individual, no nosso escritório, habilitação completa 10680 ou mensalidades desde 30800. Aluguer de maquinas á hora. **ESCOLA COMERCIAL PORTUGUESA** (Lda) COIMBRA, PORTUGAL. Rua do Arsenal, 54, 3.º-LISBOA

O coreto da Avenida vai ser transferido para o Jardim da Estrela

O coreto da Avenida—a cuja demolição ou levantamento se está procedendo, para o transferir para o Jardim da Estrela—não tem historia. Não chegou a ter Mas tem recordações.

A avenida da Liberdade, que data de 1875—pois em dezembro foi lançada a primeira pedra desta obra mu-



municipal—destronou o antigo e romantico Passeio Publico.

Delineada, alinhada, realizada a Avenida, surgiu anos depois o ingenho coreto, sem grandeza, mas com certa elegancia obra do ilustre architecto José Luiz Monteiro, que vive ainda com 87 anos.

Pouco mais terá que cinquentanos.

Teve tempo bastante, contudo, para assistir aos bizarros desfiles dominicais e nas tardes em que «dava concerto» militar, pela banda da Guarda da Marinha, ou de Caçadores 2—o coreto da Avenida, rodeado de cadeiras, alagadas pelos velhinhos do A. M., presenciava a pasmaceira da Lisboa romantica, os namoros furivos, a atenção discreta dos amadores de boa musica, que não podiam ir á S. Carlos.

Não ha acontecimento alfacinha do fim do seculo passado até á data—correio, festas, revoluções, tumultos, desfiles religiosos, saídas de touros, paradas militares, «corros» pobrezinhos de Carnaval—a que ele não tivesse assistido, já sonambulo, já estafado, «demodé», esquecido da moda.

A «feira franca» do Centenario da India devia trazer-lhe saudades. Viu Lisboa do ultimo meio seculo na Avenida «fazer avenida». Talvez não conhecesse a todos.

Val-se embora; mudam-no. Acabou-se.

E agora resta-lhe a consolação de, para onde quer que o mudem, ficar sempre «o coreto da Avenida».

A GARRETT Largo do Chiado, 9 e 11
Almocos completos de 12 e 16 Escudos
Jantares completos de 15 e 18 Escudos

Conserve os dentes usando a **PASTA DENTIFRICA BENAMOR**
No São Luiz: Uma comédia mundialmente célebre! UMA MULHER PARA DOIS
de LUBITSCH, com a maravilhosa interpretação de **MIRIAM HOPKINS, FREDERICH MARCH e GARY COOPER!**
Bilhetes á venda para as grandes festas do Carnaval

Já estão a funcionar cursos de hygiene e puericultura em varios liceus de Lisboa

Do inspector de Saude Escolar de Lisboa recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

Sr. director do Diario de Lisboa.—Contando mal uma vez com o acolhimento de v. venho pedir-lhe o favor de tornar publico o seguinte esclarecimento:
Tendo lido nos jornais o relato da Assembleia Nacional vi que a ilustre medica e deputada sr.ª D. Domitilla de Carvalho tinha proposto a criação nos liceus femininos dum curso obrigatorio de hygiene e puericultura.

Em abono da verdade, devo informar v. e o publico das numerosas leituras do meu jornal que por ordem da Direcção Geral da Saude Escolar e de acordo com os pareceres dos diferentes liceus do pais, estão já funcionando os cursos que a minha colega como deputada pretende tornar obrigatorios.

Em Lisboa, no liceu de Filipa de Lencastre, da reitoria da sr.ª D. Maria Margarida Silva, esse curso está funcionando desde janeiro ultimo, sob a direcção da medica sr.ª D. Crista Cunha. As pequenas palestras que sob o assumpto se fazem ás alunas nem uma só falta se registou, embora o curso seja facultativo.

No Liceu de Maria Amalia, de acordo com a reitora e deputada, sr.ª D. Maria Guardiolis, tambem com o mesmo fim, e em novembro ultimo, a sr.ª D. Eugenia Candida da Silva, medica escolar, abriu um curso voluntario para as alunas da 4.ª, 5.ª, 6.ª e 7.ª classes. Inscreveram-se 220 alunas.
Em todos os liceus do pais os medicos escolares, além de vigiar o grupo, dedicam-se igualmente ao ensino da hygiene fisica, intelectual e moral.
Na proxima quinta-feira, na secção mixta do Liceu de Camões (Rego) os alunos do 5.º ano terão uma lição de hygiene sexual.

VIDA CULTURAL

O publico ignora estes factos, mas o trabalho que os medicos escolares vêm realizando neste sentido merece que se lhes faça justiça. Por isso, venho não só apoiar o proposito da sr.ª D. Domitilla de Carvalho (cuja tese, já tinha sido defendida no Congresso da União Nacional pelo sr. dr. Americo Cortez Pinto, inspector da zona Norte da Direcção Geral da Saude Escolar), mas tornar publica a obra que, sob a direcção do ilustre professor dr. João Serra e Silva, os medicos escolares estão realizando, e que é, sem duvida, a de maior alcance e interesse espirital que se tem effectivado nos ultimos anos.—*Daniel Monteiro, inspector da Saude Escolar de Lisboa.*

O sr. dr. José de Bragança realisa hoje, ás 21 e 30, mais uma lição do curso de Historia de Arte, promovida pelos «Estudos Sociais e Literarios».

Esta conferencia, que é feita sob a égide da Sociedade Nacional das Belas Artes, na Rua Barata Salgueiro, será acompanhada de projecções luminosas.

O conferente abordará o tema: «Arte Egipcia».

No sabado, ás 21 e 30, na praça Luiz de Camões, 46, 2.ª, realizar-se mais uma lição do curso «Problemas Internacionais» em que o dr. Macedo Mendes se referirá ás «Directrices do Imperialismo Italiano e a questão da Abissinia».

A inscrição para estas conferencias e conferencias, que foi prolongada até ao fim do corrente mês, faz-se na sede da Universidade Livre, na praça Luiz de Camões, 46, 2.ª.

O guarda 2030 reconheceu no «Sargento Bera» o autor da agressão de que foi vilima

Cerca das 15 e 30 de hoje o sr. dr. Lavrador, adjunto do director da P. I. C., encarregou os agentes Campino, Sequeira, Simões e Dias, de levarem ao hospital de S. José o «Sargento Bera» junto do guarda da Policia de Seguranca n.º 2030, para ver se o ferido o reconhecia como sendo o seu agressor. Os agentes fizeram-se acompanhar de vinte pessoas para meter entre elas o «Sargento Bera».

O sr. dr. Lavrador presidiu ao reconhecimento. O guarda Julio Dias que se encontra livre de perigo—estava estendido na cama, com o tronco atado por uma ligadura.

Os agentes, com receio de que o preso se evadisse, tomaram todas as precauções dentro do hospital, de molde a prevenir qualquer tentativa de fuga. O «Sargento Bera», vestia um fato de lã e um casaco cor de café com leite. Apresentava-se sorridente e, cavaleando com os agentes, tranquilizava-os constantemente, afirmando que não fugiria, pois «a fidelidade, só agravaria a sua situação. Pelo: corredores por onde ele teve de passar para se dirigir á enfermaria onde se encontrava o ferido, varias enfermeiras perguntavam:

—Onde vai o «Bera»? Quem é ele? Ao ser-lhes indicado quem ele era, ouviram-se exclamações como «Isa!... É um rapaz simpatico!»

Quando o preso entrou na enfermaria, todos os doentes se queriam levantar. Foi necessaria a intervenção energica dos enfermeiros para que eles não abandonassem os leitos, pois todos desejavam ver o famoso cadastreado.

Cerca dum quarto de pessoas collocaram-se em frente da cama do guarda Julio Dias.

O dr. Lavrador, dirigindo-se ao ferido, disse:

—Veja se algum dos presentes foi quem o feriu...

O guarda, sem vacilar, apontou para o «Sargento Bera», dizendo:

—Foi aquele!

O sr. dr. Lavrador, fingindo não perceber, apontou para um individuo que se encontrava ao lado do criminoso e perguntou:

—Este?

—Não! Foi aquele!—insistiu o ferido, indicando novamente o «Sargento Bera», que retorquiu:

—Com que então fui eu? Isso é uma vingança sua contra mim!

O sr. dr. Lavrador mandou recolher o preso ao Torel, e o agente Toscano ficou a ouvir o ferido.

Contra-almirante Agnelo Portela

Faleceu hoje o contra-almirante sr. Agnelo Portela, que passara ha poucos anos á reserva, depois de uma longa e interessante carreira.

O extinto serviu largo tempo nas estações navais das colónias, tendo comandado muitas navios, quer na metropole, quer nos nossos dominios ultramarinos.

Foi ministro da Marinha da ditadura, succedendo ao sr. almirante Jaime Afreixo e commandando a praça durante alguns meses.

A familia entriste e em especial o genero do extinto, sr. eng. Branco Cabral, as nozes condolidas.

A favor dos Parques Infantis

Um interessante espectáculo cinematográfico

A brilhante poetisa sr.ª D. Fernanda de Castro, a quem se deve a simpatica iniciativa dos Parques Infantis organizou para o proximo domingo, no teatro do Gimnasio, um admiravel espectáculo cinematográfico, cujo producto reverta a favor daquelle benemerita instituição. A «matinée» é uma evocação curiosa de cinema, desde os seus tempos mais antigos até aos nossos dias.

A primeira parte é constituída por filmes da fase inicial do cinema italiano; a segunda, tem por heroi «Charlot na Rua da Paz», em edição da Paramount, e filmes retrospectivos, inextinguíveis de pitoresco; e a ultima com a famosa pelucula «Trader-Horn».

Marcam-se desde já bilhetes, no Gimnasio, para este espectáculo.

Enviados á Boa Hora

Vão ser amanhã enviados para o Tribunal da Boa Hora José Vicente da Cunha Mafra e Hermenegildo Nunes de Sequeira, por terem praticado um desfalque na importancia de 130 contos, na Companhia Nacional de Alimentação.

A questão vinicola

SANTAREM, 23.—Seguiram hoje para Lisboa, em comboio especial, trezentos lavradores de Almeirim e arredores, que vão tratar, junto da Assembleia Nacional, da questão vinicola. Em variis automóveis saíram para o mesmo fim numerosos lavradores.

No TIVOLI: Um grande êxito popular!
Se eu fosse o patrão
com duas criações cómicas de MAX DEARLY e FERNAND GRAVEY
A seguir: **AS DUAS ANNYS**, com a célebre Anny Ondra em dois papeis
Defenda a sua pele usando o PÓ D'ARROZ NALLY

Pinte os seus cabelos com **KOMMOL** e será sempre jovem

PREPARADO POR: **M. Cabral**
Avenida do Mirante Reis, 16, r/c. dt.
Telef. 5 6285

DEPOSITARIO: **Farmacia Oliveira**
Rua do Arco, 240

DE LUTO
D. Ana Rita Sardinha Coelho

Realizou-se hoje de tarde com enorme concorrenca o funeral da sr.ª D. Ana Rita Sardinha Coelho, mãe dos nossos queridos amigos srs. tenente-coronel José Maria Sardinha Pereira Coelho, 2.º commandante do regimento de Infantaria, L. e Mario Alberto Sardinha Pereira Coelho, sub-director da Fabrica de Material de Guerra.

Durante o dia acorreram a casa da bondosa senhora centenas de pessoas de todas as classes sociais, do Exército,—principalmente das unidades onde os filhos da extinta prestam serviço—membros da Camara Municipal, artistas, escritores, gentes de teatro de todas as categorias, jornalistas e deputações de soldados.

A hora do funeral quasi se tornava impossivel ás pessoas que chegavam apresentar os seus pesames á familia enlutada.

No cemiterio dos Prazeres tinham o funeral a acompanhar alguns milhares de pessoas que a acompanharam até ao jazigo de familia onde ficou depositado.

A manifestação de saudosa piedade prestada á memoria da veneranda senhora serviria, ao menos, de lenitivo á dor que punge o coração de seus filhos.

O funeral foi dirigido pelos srs. coronel Cristovam Aires e capitão Cardia da Cunha.

Camara Corporativa

«Quando á Camara Corporativa o seu rendimento tem sido optimo. Como não falta para a galeira, como o seu trabalho diario não tem a divirgência nem a imprensa, nem o proprio Diario das Sessões, tudo nessa assembleia é discreto, simples, normal, sério. As iniciativas legislativas são apreciadas sem paizão, por pessoas especializadas, conhecedoras dos assuntos e animadas pelo mais decidido desejo de acertar. Os seus relatorios são bastas vezes peças de primeira ordem, sem jámalas deixarem de estar á altura das questões que os inspiram. Quere isto dizer que a Camara Corporativa seja perfeita, que não precise de retrocessos, a aperfeiçoar-lhe a mecanica que acciona o seu funcionamento? Não. A sua estrutura necessita ainda de modificações».

Camara dos Deputados

Depois de acentuar a diferença entre os antigos parlamentos e a actual Assembleia Nacional, e de lembrar que na actual Camara não ha maiorias nem minorias, diz o chefe do Governo:

«A Camara não tem tido de facto nem com a União Nacional, por um lado, nem com o Governo, por outro, a intimidade de relações e de colaboração que seria para desejar. Não é por isso estranhavel que até o presente tenham abundado os avisos prévios e os projectos de lei, tocando muitas vezes questões dum melindre e de uma delicadeza enormes, sem que o Governo tenha tido conhecimento desses projectos senão pelos jornais. O pior mal, porém, ainda não é esse. Até aqui a Direcção tratare claramente por si propria a unidade de direcção indispensavel na governação publica, e a Nação sabia que orientação seguia o responsavel por essa Direcção. E confiava nele. Sabia que nenhum acto seu se afastaria dessa orientação. Com o trabalho da Assembleia Nacional, que por hipótese desse a impressão da qualidade governativa, o Pais podia desorientar-se e pensar que se mudara de rumo. A confusão podia, enfim, vir tomar o lugar da confiança e da ponderação. E isso é que é preciso evitar».

O Fundo de Desemprego

O sr. presidente do Conselho diz: «O fundo do desemprego deve deixar um dia de existir, dado o seu caracter transitorio».

REPARAÇÕES **T. S. F.**
O LABORATORIO mais completo do pais
R. Augusta, 75, 1.º—LISBOA

RADIO EUROPA

A Cidade

Automoveis de aluguer
(sem chauffeur)
«Auto - Triunfo»
Rua de St.ª Maria, 206
Telef.: 4 1324

As importantes declarações do chefe do Governo acêra da ordem publica, da actividade do Parlamento, do custo da vida, dos impostos municipais e de outros assuntos da maior actualidade

O sr. presidente do Conselho concedeu ao nosso colega «O Seculo» uma entrevista á muitos titulos interessante. Foca varios pontos da vida publica, e as opiniões que expande acêra de certos problemas e questões nacionais são apresentadas com clareza, mesmo com franqueza. Na impossibilidade de transcrevermos todas as declarações do sr. dr. Oliveira Salazar, fazemos um resumo da entrevista e recordamos alguns periodos mais sugestivos.

Ordem publica

«Quando principiam a esvoaçar por ai boatos de revoluções, de barulhos, de simples alterações á ordem, não são as consequências internas desses saramos sangüarios que me preocupam. Sei, como toda a gente de bom senso sabe, que os inimigos da situação não têm força para a causar mal que se veja. O que me atormenta é o mal que nos pode causar a força a mais simples desordem politica, que venha quebrar a tranquillidade em que o Pais vive. O estrangeiro diria que se tinha enganado nos juizos pacificos, feitos ao nosso respeito».

Custo da vida

O Governo está interessadissimo no estudo de todos os fenomenos provocadores do custo da vida. Mas reconhece a dificuldade de os dominar.

«Todas as experiencias e tentativas desse genero fallaram e com estrondo. Tem-se recorrido á outros processos. Tentou-se disciplinar a produção, que andava desorganizada, e moralizar uma concorrência desenfreada, que levava até a destruição dos capitais comprometidos em varias actividades. Surgiram assim os grêmios, os comitês e demais organizações corporativas existentes. Porque o aparecimento de tais organismos coincidiu com o agravamento do custo de determinados generos e artigos de primeira necessidade, o consumidor localizou o fenomeno, atribuindo a produtores e a distribuidores factos de que eles nem sempre eram os unicos culpados. Significa isso que não haja quem tenha abusado? De modo nenhum. O caso dos chapelleiros, por exemplo, parece-me que tem de ser examinado com todo o cuidado».

Trigo e o vinho

A entrevista alude ao proteccionismo de certas culturas e produções. Lastima o sr. dr. Oliveira Salazar que nem todas as actividades á coberto da nossa politica pautal, «tenham aproveitado para melhorar os seus processos de fabrico, para produzir tão bem como as industrias estrangeiras». O chefe do Governo diz que por sentimento e por conveniencia gosta artigos nacionais. «Depois diz acêra do problema do pão:

«Considero o problema do pão muito mais grave do que o do vinho. Este ano descrevi o consumo geral do Pais trezentos milhões de quilos de trigo. Que dirá de mais pelo menos de consumo no futuro não serão abastecidos pela colheita anterior. A situação resultante desse facto inevitavel não pode deixar de ser gravissima, de tal importancia são os factores economicos e financeiros, que nela intervêm, sobretudo se a proxima colheita for abundante. Como remedia-las? Baixando á custa da lavoura da panificação e da moagem o preço do pão, para se lhe forçar o consumo? Mas daria uma pequena baixa os resultados desejados? Pois minha parte, cuido que não. Para que o barateamento do pão influísse no seu consumo seria preciso conseguir uma baixa sensivel e melhoria de qualidade. O problema está em estudo. Não de encontrar-se

o momento politico

Mas a contribuição que o alimento é natural não deixar de persistir. E persistirá para alimentar as Caixas de Previdencia, agora cridas, conjuntamente todos os recursos financeiros a essas mesmas Caixas destinadas».

Impostos municipais

Não concorda, em geral, com eles o chefe do Governo e ministro das Finanças. Cita casos. «A sobrecarga tributaria, resultante dos impostos municipais, suportada pelo pais, é muito grande. Em varios casos trata-se de errada interpretação da lei 88, de 1913.

«Nem as matébias primas, que o Governo tem poupado o mais que tem podido, escapam ás alfanegas municipais. A Camara de Guimarães, por exemplo, tributa o algodão entrado no concelho para o trabalho das fabricas. Tenho, por mais duma vez, chamado a atenção para este estado de coisas, que não pode prolongar-se, indefinidamente, por não ser elastica a capacidade tributaria da Nação. E espero que não demorará ás providencias necessarias para se acabar com situações anormais».

União Nacional

O Governo não reconhece partidos. A filiação na União Nacional não é obrigatoria para ninguém, e é livre para toda a gente bem intencionada. Logo, todos os portugueses que quizerem associar-se á obra do Governo e colaborar com ele o podem fazer, filiando-se no organismo que constituiria a sua politica. E mesmo sem se filiarem, mas porque concordam, fundamentalmente, com a obra realzada, alguns têm bem servido a situação».

Imposto de successão

No Parlamento foi apresentado um projecto de lei abolindo o imposto successorio de pais para filhos; o desaparecimento desse imposto consolidaria a familia. Diz o sr. presidente do Conselho:

«Em primeiro lugar não compreendo como a extinção do imposto de successão de pais para filhos possa contribuir para fortalecer a instituição da familia. Para o que ella contribui inevitavelmente é para que fiquem mais ricos os filhos dos que legam grandes fortunas. Eu ponho o problema de outra maneira. O imposto successorio não é simpatico nem economico porque devora o capital, empobrecendo, por consequencia, a Nação. Destro em certos casos a organização economica familiar, podendo estancar fontes de trabalho, que eram a unica garantia de vida de familias inteiras. Tenho por mais de uma vez procurado soluções para este complicado caso fiscal. Confesso, porém, que ainda as não encontrei. E que na importancia total arrecadada pelo Estado, proveniente do imposto successorio, a parcela principal ainda vem exactamente das transmissões de pais para filhos, apesar de as taxas respectivas serem as mais baixas. O Estado não pode por ora dispensar as receitas arrecadadas pela applicação do imposto de successão nessas transmissões».

Inquilinato

«Sem prejuizo da garantia da habitação e do comercio que o direito deve reconhecer e assegurar, é necessario fazer cessar situações anormais e injustas derivadas de certas disposições da lei do inquilinato. É necessario impedir por exemplo que um inquilino rico espolie um senhorio pobre. Possuir uma casa nem sempre é sinonimo de se ser rico. Há inquilinos muito mais ricos que os seus senhorios e não resistam em lhe aceitar uma assistencia de que não necessitam. Embora com todas as cautelas, e estando o problema hoje facilitado pela baixa das rendas, deve-se ir pensando em modificar as situações que a consciencia publica reputa claramente injustas».

JULGAMENTO NA BOA HORA

Um roubo de livros praticado na Casa Bertrand

No quarto Juizo Criminal, em audiencia colectiva, começou esta tarde o julgamento de Raul José da Silva Santos, José de Oliveira Vieira, e Antonio Augusto de Sousa Menezes e Antonio Maria da Piedade, implicados nos furtos de livros praticados na livraria Bertrand.

Presidiu o juiz sr. dr. Gomes Paulo, que tinha como adjuntos os srs. drs. Simão José e Nunes de Carvalho.

O sr. dr. Assunção Matos desempenhava as funções de delegado do Ministerio Publico. Na bancada da defesa estavam os advogados srs. drs. Mario Monteiro, Julio Serra Sarmento, antigo juiz, e Duarte Viveiros.

A acusação particular foi confiada ao sr. dr. Ramada Curto.

A livraria Bertrand estava representada pelo queixoso, o sr. Artur Brandão, que faz parte do conselho de administração daquele estabelecimento.

Na sala das sessões vêem-se muitos livros da praça de Lisboa.

Feita a chamada das testemunhas, compareceram vinte e nove de accusação e de defesa, faltando quatro de accusação e duas de defesa.

Foram apresentados alguns atestados medicos que justificaram a ausencia de outras pessoas que deviam depor na audiencia. Uma testemunha foi multada, provisoriamente, em 150 escudos, no caso de não entregar, no prazo de cinco dias, o documento justificativo da sua falta.

Procedeu-se, depois á leitura da querela, na qual se discriminava a responsabilidade de cada réu. Segundo esse documento, Raul José da Silva Santos, empregado da Bertrand, subtrahiu livros daquela casa, e vendia-os, depois, ao sr. coronel José de Oliveira Vieira, gerente da livraria Avelar Machado. Este, por sua vez, promovia a revenda para o mercado do Brasil, por baixo preço, procedendo de igual modo em Lisboa e na provincia. Janeiro Augusto de Sousa, empregado do Avelar Machado, e Antonio Maria da Piedade, tambem empregado da Bertrand, de cumprimento com o primeiro réu, conduziam os livros, num saco, para o estabelecimento para a livraria Avelar Machado.

O processo faz apenas referencia a 36 mil escudos sob o valor dos roubos, em consequencia de não ter sido possível, durante as investigações, precisar concretamente, o verdadeiro quantitativo dos roubos cometidos.

O sr. dr. Mario Monteiro, patrono de Avelar Machado, na sua contestação afirmou que o réu constituinte desconhecia, em absoluto, a proveniencia criminosa dos livros, e que está na disposição de indemnizar a firma queixosa de todos os prejuizos soffridos logo que a sua situação esteja devidamente esclarecida neste caso.

O sr. dr. Sena Sarmento, advogado do Janeiro Augusto de Sousa Menezes disse que este não teve complicidade no caso, pois se limitou a cumprir ordem do seu legitimo patrão, sem que suspeitasse que se tratava dum roubo.

O sr. dr. Duarte Viveiros, patrono dos accusados Raul da Silva Santos e Antonio Maria Piedade, declarou que ambos negavam a accusação contra eles formulada e alegavam, em sua defesa, o bom comportamento anterior.

O sr. dr. Ramada Curto salientou, e foi confirmado por algumas testemunhas, que o Janeiro Augusto de Sousa Menezes, que havia sido empregado da livraria Bertrand.

O sr. dr. Gomes Paulo presidiu ao sr. Artur Brandão se desajaz, fazer quaisquer declarações para melhor elucidar os membros do tribunal que têm de apreciar o caso, fazendo nessa altura da audiencia o proprietario da livraria Bertrand uma circunstanciada exposição sobre as condições em que eram praticados os delitos que estão a ser julgados.

A audiencia prossegue á hora de fecharmos este relato.

Letiam ás quintas-feiras o jornal humorístico «SEMPRE XIXE»

No Coliseu

Hoje, ante-ultimo espectáculo, com o famoso Comité e a atracção regional Alma Aragoneza. O delirio das multidões no Carnaval do Coliseu

Terminam já depois de amanhã os espectáculos, no Coliseu, do Comité, o celebre «Homem dos Mil Mistérios», que apresenta a cada instante novas surpresas mágicas, em ambientes enervantes e com o mais comicativo humorismo. A sua experiencia da mulher cortada em dois pedaços, inteiramente à vista do publico, arripia; outras alegam; outras deixam toda a gente assombada. Alma Aragonesa, o famoso grupo regional, que faz tambem parte do programa deste sensacional espectáculo, apresenta os melhores cantadores, bailarinos e tocadores de Rondalla. Domingo: ultima matinee e despedida da companhia.

O entusiasmo com que muitas familias vem adquirindo bilhetes para o grandiosos festejos do Carnaval do Coliseu, faz prever quatro dias de folia naquela majestosa casa de espectáculos, como nunca, decerto, houve em Lisboa. E tudo se conjuga para isso: as ornamentações, os efeitos de luz, os hilariantes espectáculos com a grandiosa fantasia «O Fim do Mundo» e surpresas de irresistivel comico, os monumentais e imponentes bailes, as encantadoras matinees e os bailes infantis e a alucinada folia e o deslumbramento que não tem rival em parte alguma. Continuam à venda os bilhetes para qualquer dos dias.

«A PREVIDENCIA PORTUGUESA»

(Associação de Socorros Mutuos)

COIMBRA

EDITOS

1. publicação

Tendo falecido em Lisboa, na Hospital Militar Principal, freguesia da Lapa, no dia 26 de Janeiro do corrente ano, o sr. Guilherme de Gouveia Nobre Coutinho, de 56 anos de idade, natural de S. João de Areias, concelho de Santa Comba Dão, sócio que foi n.º 3.690 de «A Previdencia Portuguesa», sem deixar declaração testamentaria para a entrega do subsidio com que se achava inscrito nesta Associação, são convocados para os devidos e legais efeitos, todas as pessoas que se julguem com direito ao referido subsidio a habilitarem-se perante a Direcção dentro do prazo de trinta dias a contar da segunda publicação destes.

Coimbra, 18 de Fevereiro de 1933
O Presidente da Direcção
Dr. Antonio da Cunha Cardoso

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Ouro, 93, 2.º - Telefone 26519
Dir. ARMANDO NUNES - Medicina Cirurgica e ginecologica
Dir. BERNARDO VILAR - Cirurgia geral, operações - 5 h. - de 11 h. a 12 h. - Rins e vias urinarias - 10 h.
Dir. CORREIA DE FIGUEIREDO - Pele e sili-
ca - 5 h.
Dir. LOFF - Doenças nervosas e electroterapia - 2 h.
Dir. VARIO DE MATEOS - Doenças dos olhos - 7 h.
Dir. MENDES DE ALBUQUERQUE - Frazido e inf-
limas - 3 h.
Dir. PEDRO MANGO - Doenças das crianças - 3 h.
Dir. ALVARO GONCALVES - Doenças das es-
tradas - 7 h.
Dir. FRANCISCO VARELOS - Garganta, na-
rizes e do ouvido - 10 h.
Dir. ALVARO LIMA - Boca e dentes, profeso-
ria - 12 h.
Dir. ALAN SALGADO - Boto X-4 h.
ANALISES CLINICAS

ECONOMISE O SEU DINHEIRO

Machinas de Escrever

ROYAL

Acaba de chegar nova remessa de cartôto comercial e car-
rôto grandes X 14, X 18 e X 20

DA

REGAL TYPEWRITER COMPANY, INC.

Não comprem sem consultar o Agente exclusivo
para Portugal e Colonias,

A. S. MONTEIRO

RUA AUGUSTA, 219, 2.º

TELEFONE 2 7702

A sala-restaurant do CAFÉ «CHIC»
tem conforto, asseio inexcelsivo, não
tem cheiro ou fumo e tem original-
idade na iluminação.
—Porque a não visita V. Ex.º?

Jóias genero antigo
para todos os gostos. Transforma-se em
conta qualquer objecto.

PEIXOTO & JARDIM

14, R. da Palma, 14

Telef. 2 9582

Fabrica da Borracha Luso-Belga

de VICTOR C. CORDIER, Ld.ª

Rua do Assucar, 78 - LISBOA

DEPOSITOS: Em Lisboa: Rua da Prata, 276-277 - No Porto: Rua das Flores, 136
EM PRETO EM PRETO



25\$00

Grande baixa
de preços no
calçado

«Lushel»
MARCA

LUSBEL
simil-coi-ro



Sapato para homem «Lushel»

Engraxa-se como qualquer calçado de cabedal. Esc. 25 \$ 00
a Esc. 27 \$ 50. A' venda em todas as casas da especialidade.



FEIRA DE LEIPZIG. — PRIMAVERA DE 1935

PRINCIPIA NO DIA 3 DE MARÇO

Grandes abatimentos nos Caminhos de Ferro Alemães
Todas as informações dá o:

LEIPZIGER MESSAMT, LEIPZIG. (Alemanha)

ou o seu Representante Honorario:

A. SCHMIDT Praça dos Restauradores N.º 13 - Lisboa

Tel. 2.5757.

Telegr. «Goma».

Leilão de Penhores

«A COMERCIAL»

18, Tr. da Trindade 22 Tel. 2 5089
Recebem-se juros para o leilão do
corrente mês.

Secretaria Judicial da 5.ª Vara de Lisboa

ANUNCIO

Pelo Juiz de Direito de 5.ª Vara da Co-
marca de Lisboa, Escrivo Leal Pires, se
anuncia que por sentença de 21 de Janeiro
de 1935, da qual não houve recurso, foi
decretado o divórcio definitivo dos conjuges
D. Clotilde Pires de Medina, moradora na
avenida Almirante Reis, n.º 150, 3.º, es-
querdo, e Antonio Henriques Cordeiro, mo-
rador que foi, na rua do Guarda Jolas, 18,
a Belem, e hoje ausente em parte incerta,
ficando dissolvido o seu casamento para
todos os efeitos legais.

Verifique:
O Juiz de Direito,
Ernesto Nunes Lobo.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Cinco Lobitos».
Apolo—A's 20 e 30 e 22 e 45—«Zé dos Pa-
catos».
Avenida—A's 21 e 30—«Onde estás felici-
dade?».
Maria Vittoria—A's 20 e 45 e 22 e 45—«Viva
a Follia».
Variedades—A's 20 e 30 e 45 e 22 e 45—«No-
bre Povos».
Coliseu—A's 21 e 30—«Companhia de
Variedades».

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Comedias—A's 21 e 30.
Olympia—Das 14 e 30 e 24.
Chiado Terrace—A's 21 e 30.
Capitolo—A's 21.
Royal-Cine—A's 21 e 30.
Palacio—A's 21 e 30.
Odeon—A's 21 e 30.
Jardim Cinema—21 e 30—Ar. Alvará Cabral
Sport Lisbon e Benfica—Sessão cinemat.
Eden-Cinema—R. do Alvíto, e Alcantra.
Paris Cinema—20,45—R. Domingos Sequeira
grafica—Av. Gomes P. de A. Benfica.

Bacalhau Portuguez

de superior qualidade

PREÇOS DE VENDA

Refrigo 2.ª	cada 60 kgs.	198\$00
1.ª	» » »	219\$00
Mindo	» » »	232\$00
Medio	» » »	238\$00
Meio	» » »	243\$00
Crescidos	» » »	251\$00
Grando	» » »	266\$00

Descontos aos Revendedores.
Pedidos aos:
ARMAZENS JOSÉ LUIZ DA COSTA & C.ª
R. S. Julião, 68-70 Lisboa
Telef. 2 8016 Teleg. Zilus

Capristano & Ferreira-Bombarral

HORARIO DAS CARREIRAS DE AUTO-CAR

Carreira	Hora de partida
Lisboa-Lisboa	7,00-14,30
Lisboa-Peniche	7,30-17,30
Lisboa-Nazaré-Alco- baca	8,30-16,30-18,30
Leiria-Lisboa	6,30-15,00
Alcobaca-Nazaré-Lis- boa	6,30-10,00-14,30
Peniche-Lisboa	7,00-14,45
Peniche-Caldas da Rai- na	9,00-15,30-19,30
Caldas da Rainha-Pe- niche	11,00-17,30-22,00
Com ligação em Leiria com a carreira do Porto Lisboa-Porto às 7,00 Porto-Lisboa » 7,40	
Partidas de Lisboa	Largo de S. Domingos, 11 leira (Palacio Conde de Almoraz) TELEFONE 2 1003

Uma experiencia que todos
já têm feito sem queer.

Se uma pessoa está em casa com gripe, todas as outras a apanham tambem. Isso provem dos bacilos da doença se propagarem pelo hálito, pela tosse e expectorações, pelos espirros dos doentes. Quem estiver ainda de boa saude pode evitar o contágio, aplicando um desinfectante de efeito comprovado contra os bacilos, mas que deve ser absolutamente inofensivo para o organismo. Correspondem a estas condições as

PASTILHAS DE

Panflavina



que se apresentam sob a forma de pastilhas saborosas e se vendem em todas as farmacias.

MOBILIAS DE ESCRITORIO, GENERO AMERICANO E EM TODOS os ESTILOS. Artes Decorativas

PAPEIS PINTADOS DESENHOS MODERNOS SEMPRE GRANDE STOCK

Cretões // Damascos // Veludos // Oleados // Carpetes // Pergamoides

MAPLES FABRICO ESMERADO NAS NOSSAS OFICINAS

PREÇOS SEM COMPETENCIA VISITEM A NOSSA EXPOSIÇÃO

DO CALHARIZ

PAVÃO CARVALHO 15 16-L DO CALHARIZ, 28 LISBOA

ODEON — PALACIO

A celebre producao-gigante

Ali-Babá e os 40 ladrões

ULTIMAS NOTICIAS

Bailes do Carnaval Grande entusiasmo, pelo Galva, de baile, dihemem e se... Sab. Inglesa Lt. R. Prata, 180 Sap. Liame nos mais recen-tes modelos a 80 e 8500.

ESTÁ AFASTADO O PERIGO

dum conflito entre a Romania e a Hungria

BUDAPESTE, fevereiro.—Como consequencia dos acordos de Roma a Romania considera que, pelo menos por agora, se tenha afastado o perigo de um conflito com a Hungria. O que porém ainda se não pode encontrar foi uma solucao para o problema revisionista, que é de vital importancia para a paz na regio do Danubio. Tanto a revisionista Hungria, como a anti-revisionista Pequena Entente continuam a manter as suas posicoes; encontram-se de mais acaadas, em consequencia dos acordos de Roma. A Romania vive numa situacao um pouco tensa com a Polonia, embora esteja ligada a este pais por alianças formais.

As relações entre a Polonia e a Romania dependem principalmente do resultado das negociações franco-polacas sobre o Locarno Oriental, porque a Romania participa nos pontos de vista da França. Contrariamente ao que se esperava, não se fez nenhum progresso para uma maior aproximação com a Bulgaria, apesar de haver diminuído a tensão que existia entre os dois países, em consequencia dos acordos economicos negociados no outono passado. No que se refere á situacao da Romania existe entre os politicos mais destacados um serio receio de influencias extra-constitucionais sobre a coroa, receios estes que têm transparido na opiniao publica em geral. É difficil afirmar-se as decisões do rei Carol III ou não influenciadas por determina-dos meios irresponsaveis. O certo é que as autoridades procuram combater os rumores inquietantes, sem terem conseguido grandes resultados. A situacao na industria particular é quasi satisfatoria. Os camponeses, por sua parte, apesar das más colleitas consecutivas, têm poucos motivos para estar descontentes, em vista das facilidades concedidas quanto ao pagamento dos impostos. O orçamento encerrar-se-á em 31 de março, fim do ano fiscal, com um deficit de dois milhoes.

Praticamente esgotaram-se todos os recursos visiveis para cobrir os deficits anteriores.

Para remediar a situacao fala-se da criação de novos monopolios, mas que não oferecerão, na melhor das hipoteses, receitas imediatas. Projecta-se tambem a elevação dos impostos, mas a experiencia demonstrou que sempre que aumentam os impostos sobre o consumidor as consequencias são as fraudes proporcionadas que diminuem, inevitavelmente, as receitas. Apesar das medidas radicais adoptadas para reduzir as importações do estrangeiro, estas aumentaram durante 1934, com respeito a 1933, acumulando-se novas dividas que se elevam a 14 bilhoes de aleis não estrangeiro.

Segundo os tecnicos, não é possivel adoptar novas reduções das importações sem grave prejuizo para o desenvolvimento cultural e social da nação. Mas tambem é evidente que a Romania não pode exportar em quantidades suficientes para cobrir com moeda estrangeira que obtinha as dividas das suas aquisições no estrangeiro. Por isso, são muito importantes as questões que o primeiro ministro sr. Mataresec tem que resolver. É possivel que se não puder encontrar uma solucao para a situacao se veja obrigado a demittir-se, o que tambem não seria uma solucao para o problema.—(United Press).

OS ACORDOS DE LONDRES

Sir John Simon irá a Berlim e visitará depois Moscovo?

LONDRES, 22.—Embora não haja por enquanto nenhuma comunicacao official a tal respeito, os jornais desta manhã lembram a conveniencia dum ministro ingles, de preferencia sir John Simon, visitar, não só Berlim, como tambem Moscovo e outras capitais da Europa eom o fim de discutir pessoalmente as propostas de apaziguamento da Europa conforme o estabelecido no comunicado franco-britanico de 3 de fevereiro.

Esta idea, primeiramente exposta no «Times» e no «Daily Telegraph», foi bem acolhida por todos os sectores da opiniao publica. Assim, o «Daily Herald» diz estar convencido de que sir John Simon irá a Berlim discutir as propostas contidas no comunicado de Londres e afirma que tanto Hitler como os seus colaboradores mais proximos não tratarão de limitar as conversações a uma simples troca de pontos de vista acerca da convenção aerea, como já se insinuou.

«Aiém disso»—escreve o «Daily Herald»—a opiniao publica alemã está se absolutamente convencida de que se sir John Simon aproveita a sua viagem a Berlim para no seu regresso trocar impressões com outros governos da Europa, é porque a Gran-Bretanha deseja discutir todos os problemas de mutuo interesse. A segurança no Oriente da Europa é tão necessaria como a do Occidente, e assim a visita a Moscovo após a visita de Berlim é o caminho que a logica e a inteligencia indicam.

O «News Chronicle» diz que a visita de sir John Simon a Moscovo parece ser de grande oportunidade.—«Hitler»—escreve o mesmo orgão—que tão realista se tem mostrado em materia de politica externa, deve certamente ter algumas propostas a fazer no que diz respeito á estabilidade na situacao da Europa oriental. Essas propostas podem muito bem não ser acceitaveis para o governo sovietico, mas nesse caso a Gran Bretanha pode bem agir como mediadora em tão delicado problema».—(Havas).

A missao financeira do Brasil

foi recebida por Jorge V

LONDRES, 22.—O rei Jorge V, recebeu em audiencia particular, no Palacio de Buckingham, o ministro das Finanças do Brasil, sr. dr. Sousa Costa, presidente da missao financeira brasileira que se encontra há dias nesta capital.

O critico financeiro do «Daily Telegraph» falando das actividades feitas durante as conversações decorrentes anglo-brasileiras, surja o complicado caso da divida externa brasileira que não foi arrumado convenientemente. Termina por dizer o referido critico que, quanto ao assunto não foi resolvido como deve ser, é quasi certo que a missao financeira brasileira não conseguirá obter na praça de Londres o emprestimo de vinte e um milhoes de dolares que não conseguiu realizar nos Estados Unidos.—(United Press).

Hipodromo destruido pelo fogo

NOVA ORLEANS, 22.—Um violento incendio destruiu o hipodromo desta cidade.

Morreram carbonizados 23 cavalos de fina casta. Os prejuizos causados pelo fogo são importantes.—(U. P.)

O CONFLITO ITALO-ETIOPE

A Italia deseja a paz mas não está desprevénida

ROMA, 22.—O comunicado fornecido á Imprensa pela comissao delegada do Supremo Conselho de Defesa Nacional constitui um avizo aos perturbadores da paz. A «Gazeta del Popolo» escreve: «A situacao internacional apresenta sintomas de incricizacao em face dos quais é preciso erguer-se um elemento certo: o conhecimento de que a Italia está pronta para qualquer eventualidade. A Italia fascista é um factor de equilibrio, moderacao, paz e colaboração. A boa vontade da Italia não basta porém para resolver todas as questões. Por isso é que se devem encarar todas as eventualidades. Não existe nenhum perigo iminente, mas é bom que se saiba que se surgir qualquer perigo, a Italia não será colmada de surpresa».—(Havas).

Mais tropas para Africa

NAPLES, 22.—O navio «Vulcano» partirá esta noite para a Africa oriental, levando a bordo 400 operarios especializados e 700 soldados de engenharia, serviços sanitarios, etc. Em Messina, o «Vulcano» receberá mil homens. No mesmo vapor seguirá o general Graziani, comandante chefe do corpo expedicionario. Este official é o mais novo e o mais condecorado dos generais italianos. Foi o pacificador da Cirenaica, dirigiu as operações de Sazan e fez a occupação do oasis de Koufra.—(Havas).

Comentarios da Imprensa italiana

ROMA, 22.—A «Tribuna», a proposito do comunicado da delegação do Conselho Supremo de Defesa Nacional, escreve: «A guerra não é uma hipótese, mas uma realidade. Uma nação, para ser digna deste nome, deve encarar-la como presente e viva na sua possibilidade continua». O mesmo jornal acrescenta que as nações, ao acelerarem essa realidade virilmente, erodem as probabilidades de guerra, em vez de as aumentarem», porquanto uma guerra «tem maior probabilidade de exito» quando se conta com a surpresa.

A «Revista Italiana» declara que as providencias tomadas se justificam amplamente. «Dada»—escreve—a psicologia primitiva dos abexins, a concentração de forças italianas nas colonias de Africa Oriental é o meio mais eficaz para impedir os eventuais ataques por parte dos irregulares abexins e tambem para persuadir o governo etiope a pôr termo a todas as tergiversações e a negociar seriamente com a Italia, reconhecendo-lhe os seus interesses e direitos».—(Havas).

Os indígenas provocam tumultos numa cidade argelina

PARIS, 22.—O «Matin» publica uma comunicacao de Bone relatando um incidente bastante grave que se deu na Ued de Zenatu, cidade situada entre Constantina e Guelma. Espalhou-se all o boato de que um dos indígenas fora preso e maltratado na prisão pelos agentes. Cerca de 400 arabes formaram cortejo e foram ao commissariado, onde fizeram uma violenta manifestação contra o commissario e os agentes. Começaram por apedrear o commissariado e depois tomaram-no de assalto. Em vista da gravidade que os acontecimentos estavam a tomar, o commissario mandou pôr em liberdade o indigena. Seguem para Zenatu forças de Policia e procede-se activamente a um inquerito.—(Havas).

Roosevelt resolve promover

o aumento do consumo do peixe entre os seus compatriotas

WASHINGTON, 22.—O presidente Roosevelt encarregou Bernard Macfadden, ex-professor de Cultura Fisica, de lancar uma campanha de propaganda nacional destinada a promover o aumento do consumo do peixe. Macfadden, que strá nomeado membro do Conselho Consultivo do Departamento do comercio, vai percorrer o pais á frente dum grupo de lindas mulheres que demonstrarão «de visu», ás populações do interior, os efeitos benéficos sob o ponto de vista higienico e estético do consumo do peixe. A este respeito o Departamento do Comercio frisou, num comunicado, que o peixe deve completar, nunca suplantiar, a alimentação carnívora. Os americanos consomem actualmente por ano uma média de 15 libras (peso) de peixe e por pessoa, ao passo que os japoneses consomem 55 e os suecos 50.—(Havas).

Assassinio dum rico industrial

PAWNEE (Estado de Oklahoma), 22.—Foi assassinado, na sua residencia, o rico industrial Richard Betty que contava 58 años de idade. O mobil do crime foi o roubo.

Da residencia do assassinado desapareceram importantes valores constituidos por dinheiro, joias e papeis de credito.

O «sheriff» ordenou a mobilização de uma brigada especial de agentes para tratar do caso que emocionou grandemente todos os habitantes da pacata cidade de Pawnee.—(United Press).

A agitação politica em Cuba

A greve dos professores e estudantes

HAVANA, 22.—O «comité» grevista dos professores declarou que presentemente se encontram em greve em toda a ilha mais de 250.000 estudantes. O corpo docente das Universidades cubana resolveu apoiar e aderir á greve dos estudantes, que marca bem a repulsa intelectual contra as prepotencias exercidas de há muito em Cuba pelo presidente Mendieta e pelo coronel Baptista.—(United Press).

ASSEMBLEIA NACIONAL

A sessão de hoje da Assembleia Nacional, para discussão dos diplomas governamentais sobre a questão vinícola, acompanhados do parecer da Camara Corporativa, principiou depois das 16 horas.

Nas galerias encontravam-se mais de mil pessoas, entre as quais predominavam elementos de todas as regiões do pais interessadas na resolução do assunto que se vai debater.

CONFERENCIAS

Hoje, ás 21 e 30, na Universidade Popular Portuguesa, rua Luiz Drouot, o sr. dr. Camara Reis realiza um serio litterario, fazendo a leitura e comentario de trechos de Emilio Zola. A entrada é livre.

—A Secção Cultural de Associação Escolar do Liceu Normal de Lisboa (Pedro Nunes) promove mais uma conferencia amanhã, sabado, ás 18 e 20, em que o professor da Universidade do Porto, sr. dr. Mendes Correia, fará de A prehistoria na Europa Occidental.

A palestra será ilustrada com projecções de estampa e dispositivos.

MAXIM'S

Hoje — 6.ª feira, 22 Estreia das bailarinas russas SISTERS ASTROFF Amanhã — Sabado Negro GRANDE BAILE DE MASCARAS 2 Orquestras — Variedades

As penas de morte em Espanha

O Centro Republicano Espanhol resolveu enviar ao sr. Alcalá Zamora a manifestação em que se pede clemencia para os condenados a pena ultima.

Lanches para casamentos PATISSERIE VERSAILLES

Evite a queda do cabelo usando o PETROLEO QUIMICO NALLY

ARCADIA HERMANAS TORRES

Amanhã — Grande Baile de Mascaras com estreia das eximias interpretes do French-Cancan — TRIO FLOWER ORQUESTRAS BOBBY SAX e PORTUGAL

HOJE: em plano exito, a celebre orquestra Vienense — BOBBY SAX — FRED TRINSHER e as formosas vedetas espanholas

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA—Telefone 20271

UM POETA QUE MORRE

RONALD DE CARVALHO

Os elementos estéticos da sua obra



RONALD DE CARVALHO

Sob o signo de um passado extinto, evoco, na hora dolorosa da morte de Ronald e Carvalho, o doce convívio de três anos seguidos com o poeta, em terras longínquas do Brasil.

Decorram já duas dezenas de anos, e é como se fôra ontem, como se não houvesse tempo perdido, a deplorar—esquecida a alma do seu transitório quotidiano—que o revivo e recomponho sob o apelo humano de uma secreta e viva amargura.

Eram-nos então homens de pouco mais de 20 anos, Criára o nosso encontro, desde as primeiras horas de convívio, um ritmo de reciprocidade espiritual, uma identidade subjectiva nos anhelos mútuos, um elo fraterno que nos unia na prefiguração ideal do mesmo mundo de beleza.

Ah! ainda relembro esse rumor de sonhos, essa fosforescência de anseios, esse espraiado murmúrio de palavras, extintas— a trama sensível do apelo à ilusão—que ambos, noite fôra, na casa familiar e hospitaleira de Copacabana, tecíamos, absortos em nossos rumos interiores.

Era nessas noites dos trópicos, seus fundos, abobadados, massa calma de silêncios; um lacteo, aereo sulco estrelado, guiava o poiso dos nossos olhos, o apraar inquieto da nossa ansiedade do desconhecido.

Ah! ainda vos recordo, mundos de ouro, ancoradouros do ceu! Era a hora em que a alma succumbia ao fardo do seu dia morto, e em que do sono das coisas, do concavo silêncio da vida, uma onda fluida se desceira, recriando uma super-atmosfera envolvente, um sub-entendimento espiritual, uma emanção mais viva da inteligência até a alma ganhar aquela nervosa lucidez que reclama a adesão de todas as faculdades do espirito.

Era nessa atmosfera inquieta, exaustiva, aderente, que Ronald surpreendia, evadido de si mesmo, trasbordando a sua personalidade, ampliando contornos, vivendo as grandes linhas do seu ideário humano. Nesses longos serões, a conversa tinha para Ronald o sentido dum descobri-

mento continuo buscando a palavra mais rara o vocabulo sonoro, o detalhe preciso, o accessorio brilhante na inserção do mundo conjectural da sua fantasia. Discursava, teorizava, divagava, no seu estilo particular,—o seu estilo heroico—onde a alegoria, a suite de imagens, o poder evocatorio, certo deslumbramento musical das palavras,—no seu aspecto essencialmente formal—nos davam a impressão de se travar uma ardua batalha, de dentro para fôra, como quem procura dominar, sujeitar, ultrapassar as resistencias virtuais do verbo buscando, para a imaginação, uma respiração mais ampla, a devolução mais exacta do seu clima in-

terior, da sua natureza, de artista.

Ronald insinuava-nos um mundo de legenda, um pais projectado na voz do preterito e do longinquo, fixado no plano furtivo da sua imaginação onde o maravilhoso transcendia o real, circulo de fabula, centro da acção onde ele vivia, deitava, perdurava, dando-nos pelos dons da graça exquisita da sua bonhomia maliciosa, do seu complexo de ingenua candura, a sugestão de um mundo aligeiro, saboroso e dormente, redutivel a um canto magico de Perrault.

Ora, em Ronald, havia entre o artista e a pessoa humana, uma intima analogia, um perfeito contacto, do que resultava, quer nas

suas relações sociais, ou entre amigos, uma fina transparencia da sua delicadeza espirital: o doce acento de uma estranha simpatia.

Conheci-o, tinha ele regressado de uma longa estadia pela Europa, nesse dealbar do *avant-guerre*, saturado do bulicio nostalgico e dos mestres da latitude intelectual de Paris, daqueles, bem entendido, que se tinham alinhado na ala do movimento, simbolista francês.

Aspirara, nesse clima, conturbado e ancloso a flor promissora da mensagem simbolista,—a poucos passos ainda da sua radiosa emigração para o mundo,—aceitando dela os dados da experiencia com que modelou a sua poesia e a voz essencial da sua modernidade.

Data dessa época a gestação, o plano, *in mente*, da fundação de uma revista eclectica, repositório vivo, documentario incisivo dos varios modos de ser dos anseios das curiosidades estéticas da gente nova, de ritmo independente e livre, unanimes no repudio das fórmulas triviaes e gastas, revista esta que mais tarde eu batizei com o titulo de Orpheu, de trilh escandaloso e efeitos violentos, a cuja direcção pertencemos eu e Ronald, e seguidamente os nomes queridos de Sá Carneiro e Fernando Pessoa.

Um incidente circunstancial na biografia de Ronald, mas indispensavel para o conhecimento da sua filiação literaria, das suas ligacoes com as tendencias da literatura europaea dessa época. Em Orpheu colaborou ele com um feixe admiravel de poetas, a que se seguiram outras publicadas na «Aguia», umas e outras ainda feitas sob a adesão do pensamento poetico subordinado aos canons da escola simbolista, passo intermedio, fulguração radiosa entre o neo-parnasianismo da «Luz Gloriosa» e a lirica dos «Poemas e Canções» e o conciliatorio dos Epigramas Ironicas e Sentimentais.

Subsistem nestas três obras, nestes três momentos especificos do seu caso poetico, ainda que em gradações, os três principais elementos esteticos da sua obra: o Vago, o Irreal e o heroico.

A sua consciencia bem como o seu sonho elevavam-se para além das limitados horizontes da vida. Calou-se, porém, subita, a sua voz extranha.

Deste poeta se pode dizer o que Fernando Pessoa disse de Sá Carneiro: «morre jovem o que os Deuses amam».

Poderá objectar-se que a juventude deste poeta atingira já a maturidade do espirito, no transitio recolhido e seguro dos 40 anos.

Que importal Não morre a sua juventude quem como ele viveu o amor, a vida e a Beleza.

LUIS DE MONTALVOR

Vitral cinzento

Vê toda esta esta ansiedade e toda esta tortura foram morrer dentro de mim sem um gemido. Hora de ouro e de sol, a Vida foi a escura, e agora, o meu jardim deserto, desflorado.

Tudo passou por nós... tudo passou, procura no outono deste olhar o mais aureo sentido, e verás a ansiedade e verás a tortura e o meu coração como um canal esquecido...

E tu fôste depois para a insomne alegria de viver, de semear por todas as estradas a gloria do teu canto, o ouro da tua Vida,

e eu fiquei para amar mãos senis, alma fria, aguas-mortas, jardins langues, torres fechadas e a nostalgia exul de uma patria perdida...

Canção do ultimo adeus

Ergo a lampada no ar como uma rosa aberta e o Silencio se faz maior para acolhe-la na luz morta a sangrar pela sala deserta onde um perfume antigo emmudeceu, perdido.

Sobre a janela, ao luar que desce dolorido, um lenço anda a dizer adeus para uma estrela.

Rocha por minhas mãos a asa de um beijo extinto.

Minha alma enlouqueceu; em longes de Memoria anda a chamar por mim com uma taça de absinto e embragada de azul dá de beber à Gloria...

Sinto a sombra fechar uma porta esquecida: a sombra é a voz do Além a interrogar a Vida.

Treme de só, na rua, um reverbero doente. Reflete-se. E Narciso a olhar pelo vidro —feito chama e clarão—toda a Vida que passa e que nunca parou, triste, na sua frente.

Tu não voltas, é certo; a estrada não se turva da poeira que o teu passo um dia levantou naquela curva que é um soluço, amarga curva onde a tua canção ascendeu e gelou...

Na luz morta a sangrar pela sala deserta minha alma volta a abrir os olhos de quimera. Vem bebida de azul contar-me seus Destinos. Na agua-lustral de um tanque ha um rinto de violinos e sobre a opala de um punhal que eterno espera ergo a lampada então como uma rosa aberta.

MCMXXXI

RONALD DE CARVALHO

O barro e o sôpro que o anima

por JOAQUIM MANSO

Os que morrem não levam consigo, mas antes confirmam as esperanças dos que ficam—Pindaro

A porta abriu-se e a figura grave do Asceta apareceu lentamente, recordando-se, na luz branda e fosca do fim da tarde, como Jesus na casa silente de Lazaro. Era um velho sem fadiga nem velhice, de labios cerrados e finos, curvado pelo habito de meditar balçando a fronte, a cabeça embranquecida, não pelo tempo, mas pelo vencimento trabalho da paixão e do desespero.

Demetrio, que o não esperava, entreabriu os olhos queimados pela febre, parou-os na interrogação do desconhecido, estremeceu num impreciso pensamento de revolta, perguntando com imperceptível rubor de cohera:

—A que vindes? Quem vos mandou?...

Cansado do esforço despendido, respirou com mais dificuldade, tossindo fúndio, num abalo de todo o seu peito que se desfazia, como tábua batida entre duas vagas.

—Não te assustes com a minha presença nem com o enigma da minha vinda. Ninguém me chamou, mas sei que careceis de mim. Talvez melhor careceis um do outro.

Estas palavras não perturbaram o enfermo cujo corpo se perdia no amplo leito onde o relevo da sua forma mal se desenhava, sob as dobras mortificadas da colcha branca e pendente.

Quantos anos tinha? Pouco mais de vinte—acusados prontamente na palidez límpida que o olhar iluminava com o seu claro de brasa que ardia num turbilho.

—Meu Deus, porque não poupaste a esperança que trazia no meu ser disposta ao amor e ao sacrificio?

Herdeiro dum sangue remoto e orgulhoso, imaginava que fora vítima duma cilada urdida pelo Destino:

—Que mal fiz eu, para que tamanho golpe me ferisse, no momento em que erguia as mãos para colher o fruto dos meus juvenis atrevimentos?

A filha má sorria-lhe com a tristesa imensa, do seu coração desolado e ele, compreendendo-lhe a tortura que se fazia velada e suave, animava-a:

—Isto ha-de melhorar. Deixa vir a primavera e verás que, com as primeiras rosas do jardim, tornarei a ser quem fui.

—Pois sim, meu filho, lembra-te de que teu avô chegou aos oitenta anos, apesar dos médicos que o condenavam a morrer aos trinta.

—E a Maria da Graça não estava já sacramentada e desludida, quando certa manhã lhe veio um frescor ás faces e uma firme confiança na Senhora da Soledade? A mãe de Deus pode muito!...

—Eu e tua prima Dulce rezamos tanto por ti que as nossas preces não devem ser esquecidas.

—Porque não vem ela mais vezes para junto de mim? Recela, acaso, que a doença se pegue?

—Colladinha! é um anjo que só vive por ti e para ti. Por sua vontade, não arredaria pé deste quarto. Mas, como sabes, também tem doentes na sua casa de que ela é a flor e a providencia.

—Desculpa se alguma vez sou injusto, mas tenho imaginações que me aterram. Recelo que se convença de que nunca mais me levantarei desta cama. Que pavor!

Nesta altura, o dialogo interrompia-se, porque os dois, a mãe e o filho, caíam nos braços um do outro, agarrando-se, a semelhança de raízes que, debaixo da terra, se buscam e estreitam, por laços apertadíssimos. Corriam la grimas que se enxugavam com

beijos de mortal saudade—beijos em que se misturavam os bens da terra com os do ceu.

—No fim de contas, meu Demetrio, nós estamos a fazer uma cena absurda—como no teatro onde se representam melodramas para abusar da credulidade do povo. Chorar, para quê? Nem tu estás em perigo nem eu tenho penas na alma...

—E' verdade, máisinha, exageramos os nossos sentimentos. Antigo defeito da nossa familia que costuma cultivar os seus desgostos para avultar as suas penitencias. Afasta os cortinados da janela e deixa-me entrar o sol. Viva o sol que é o grande amigo das paisagens e dos namorados!

—Era assim que se iam iludindo a mãe para ser forte no desamparo e o filho para calar a voz que de longe lhe bradava:

—Men querido, um outro amor, no hemisferio de Salamiel!

Avançando para Demetrio, com passos que não produziam som, o Asceta abeirou-se dele e, após um momento de silencio, falou, nestes termos:

—Hesitei, antes de vir, julgando que as consolações humanas te são indifferentes. Hoje decidi-me, porventura impellido por uma vontade mais poderosa que a minha. Deus move os mundos e os corações, sem que nós suspeitemos dos seus desígnios.

—Bem se vê que eu sou alvo da sua infinita bondade. Deus mata-me, a fim de me colocar entre os pagens do seu trono. Preferiria que me largasse do seu cuidado, para eu, como os cardos e os vermes, pairar fora do alcance da sua tão amorosa soliditude.

Enquanto desabafava, Demetrio entrara num tremor, cheio de irritação e amargura, como se pretendesse justificar o Criador na obra da Criação. O seu enorme ressentimento resumia-se nisto:

—Que monstruosa crueldade

me trouxe à vida para dela me separar, quando eu palpitava no ardor e na promessa dum lindo porvir?

—As razões dos homens não podem remodelar o universo nem as leis que o regem. A tua carne dolorida e insofrida grita e protesta, sem que os ecos te respondam. O grão de areia, nas estradas, é pisado pelos caminhanes e dos seus queixumes não resta memoria.

—Mas é isso precisamente que me mago! Guardo, dentro de mim o universo em promessas enganosas e recebo fora de mim o escarneio dum poder ineluctante. Que crime cometi eu? Que sombra existe no meu animo que me entrega à morte, sem ser ouvido?

—Tu consideras invencível o grão de areia e tomas um segundo pela eternidade. Não te preocupes para debater um problema nem sequer para abordar um caso difícil. Mais terra a terra, trocarei contigo as minhas certezas, recebendo as tuas duvidas, de modo a livrar-te da prisão em que te cebeates.

Sentou-se o ancião que, espalhando a vista pelo espaço ao péto, fixou demoradamente um Cristo que, pregado na Cruz, oferecia o seu exemplo à miseria universal.

—Deus não gosa com a dor humana que se instalou na terra, por culpa nossa, que o mereçamos e não que o temamos. O sofrimento é uma lembrança penosa para a nossa precaria fraqueza e para a nossa ansia de perfeição.

—Tudo isso me ensinaram, desde o catecismo, mas a triste realidade que me punge é esta—porque não atende Deus as supplicas que lhe dirijo?

—Quem te disse que ele é sur-

do e insensível? O facto de eu transpôr aquela porta não carece de significação. Porque vim ter aqui?

—Sols então um mensageiro divino! Sêde benvidos e tmdiral em mim os effeitos salutares da graça salvadora.

—A ironia é um gesto infeliz da desgraça ou da pobreza orgulhosa, meu amado Demetrio. Não te rias de mim, que me reputo sem meritos para a honra que me atribues. Deus, na sua sabedoria, escolhe os miseros como eu, para ajudar os transviados a regressar ao bom caminho. Não me fez qualquer revelação, pois se limitou a mover-me, no sentido das suas intenções.

—Quanto eu vos agradeceria, se me respondesséis à seguinte pergunta:—Que posso eu esperar para além da morte?

—Não sejas impaciente nem ambicioso: a morte é um acto de fé humilde ou um epitafio sobre o nada. Os da tua raça bateram-se nas batalhas da Patria ou pecaram, vendendo-se ás tentações do Demónio. Agora cabe-te resolver quais dos teus maiores vão servir-te de guia.

—Embora eu não passe de peregrino vergoteia numa serie de gastas gerações, declaro que desejo pertencer aos mais dignos.

—Eis que te despertas de fundo torpor! Deus oferece-te um imperio. Como conquistá-lo? Só ha um meio—confiar-te á sua clemencia, na sinceridade da tua angustia.

—Mas tantos laços me ligam a castas afeições e a futuros projectos de grandeza...

—Todos os tesouros da fortuna se desfazem em fumo, perante o perdão que Deus concede ás nossas culpas. Que tudo se confunda na cinza e no pó, contanto que a morte nos não mate.

—Da minha mocidade, onde acharei o abrigo?

—A mocidade acha-se mais proxima de Deus que nenhuma outra idade, sobretudo quando ainda ignora os venenos que corrompem e as acções que deslustram. A medida que vamos andando pela existencia fora acontece-nos o mesmo que ás aguas das correntes que se turvam com o crescer da invernia. Não resistas á tua estrela: Deus clama por ti, sendo obrigação tua corresponder ao apêlo que te lançou da imensidade.

—Convidas-me a morrer em paz... E' não négo!

—A felicidade não gira como o pendulo que vai e vem de um lado para o outro. Entremostrase na hora propria. Quem a evita, opondo o peso da materia á liberdade do espirito, vota-se ás trevas fatais. Deus põe nos nossos peitos a saudade—não para boirmos no Mar Morto, como nau sem rumo, mas para nos orientarmos na procela, demandando avidamente o porto.

—A saudade é para os que se vão ou para os que ficam?

—Para os que ficam e para os que se vão, visto que nela a eternidade se faz tempo e o tempo eternidade.

—Terei a meu lado minha santa mãe e a minha nunca esquecida Dulce?

—No amor e na ventura de Deus não ha muros nem exilios: as vidas, como as constelações, atravessam os espaços unindo-se na proporção em que são puros e verdadeiros os elos que as prendem, segundo a inspiração de Jesus. O que o bem atou nunca mais se desata: Deus congrega e não dispersa os seus celeitos.

Demetrio, que parecia adormecido, voltou a si, na contemplação dum reino longinquo, suspirou:

—Tanto me tardas que me chãso já de esperar...

31—II—1935.

JOAQUIM MANSO



Recordação do meu país. — Gravura em madeira de F. Masereel.

Critica literaria

Beijos de Amor,
—por João Guimarães

É um volumezinho de versos de um poeta brasileiro, Afranio Peixoto, grande nome das letras brasileiras, prefaciado a primeira edição.

Não é por este conjunto de poesias que o talento poetico do autor se firmará.

Algumas poesias, contudo, têm-se sem enfado, numa maneira simples, sem preocupações de renovação nem grandes extases literarios. Por vezes adivinha-se a influencia de Guilherme de Almeida:

«O perfume flutua... O ar inebria.
Como na dança.
O céu azul, sereno, se irrita.
Duma alegria
Ingenua, de criança,
E absorve-a no seu encanto; na sua graça,
Quando ella passa...»

Mas nota-se tambem um certo sentido literario de um lirismo muito brasileiro, e agradável de seguir, no dizer brando:

«Estou com uma saude,
Com uma saude immensa de você...»

Do seu beijo de amor — serenidade...
Dos seus olhos de sonho e de ternura,
Que dizem o porque
Dessa enorme saude
De você...

Canta no ar uma loucura,
Que eu mesmo não sei de que...

Aroma de felicidade
Quando perto de você...

Edição «Artes Graficas» de S. Paulo.

Obras da Biblioteca Nacional

A Biblioteca Nacional de Lisboa editou hr dias as «Ementas de Habilitações de Ordens Militares nos principios do seculo XVII — Subsídios para a investigação historica em Portugal», ementas que se encontram na miscelanea que constitui o Codice 1335 do Fundo Geral de Manuscritos da Biblioteca, e tem indiscutivel valor historico.

Sa-t tambem o tomo I da «Gazeta em forma de Carta, por José Soares da Silva» (1701 e 1706), um inédito de enorme interesse, curiosissimo pela soma de subsidio: — quantos de'os novos! — que nele se contem, «pela luz que jorra sobre a vida social de Lisboa setecentista» — diz o illustre director da Biblioteca Nacional, sr. D. da Costa Veiga.

Igualmente se publicou o tomo I do «Ano Noticioso e Historico» de Luiz Montez Matoso, que no dizer do frontispicio original «compreende o resumo dos successos militares e politicos das potencias estrangeiras, com a noticia de nascimentos depositorios e falecimentos d' Imperadores, Reis, Principes e mais pessoas distintas pelas suas qualidades e empregos; e contém especialmente a noticia das cousas mais memoraveis que succederam no Reino de Portugal». É precedida a obra de uma noticia e de seu autor do punho do 1.º bibliotecario dr. Arnaldo Faria de Ataíde e Melo. Attinge o ciclo de 1740 a 1745.

Esta obra é indispensavel em qualquer estante de um estudioso ou trabalhador de historia.

Finalmente a Biblioteca editou os «Subsídios para a Bibliografia da Historia Local Portuguesa», trabalho do 2.º bibliotecario dr. Antonio Mesquita de Figueiredo, e meritoria publicação, a mais importante das quatro, quanto a nós, complemento e actualização de trabalhos anteriores.

Um trabalho desta natureza nunca se pode dar por completo, mas este volume acusa já uma perfeição satisfatoria. A sua utilidade é flagrante, o seu valor monografico resalta á primeira vista do simples manusear do volume.

N. de A.

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico o «SEMPRE FIXE».

Notas em circulação

Os estudos recentes sobre a romanização da Península Iberica mostram-nos que ella foi ainda mais profunda e vasta do que já se julgava. O livro, publicado ha meses, do sabio alemão Hans Zeiss, documenta de maneira flagrante essa victoria da latindade sobre a influencia góda, que aos poucos perde o seu vigor e imperio. A população visigótica no seculo VII, afirma Zeiss, era góda de origem, mas já espanhola de contextura espirital; lingua e cultura eram de raiz romana. Não deixa de ser interessante registrar estas opiniões que vindas da arrogante Germania, de qualquer sorte negam as ideias de Gobineau, ali tão lido e apreciado. Certo, o sabio Zeiss não entende defender assim a superioridade, da civilização mediterranea, nem denunciar o valor das influencias nordicas.

Mas a sua tese traz um grande incentivo de quele que, para cá dos Pirinéus—espanhóis ou portugueses—nas suas respectivas Patrias vêem, além, da persistencia do genio proprio de cada uma, predomínio das ideallas, tradições e habitos da lingua e perduravel acção da alma greco-latina. Literariamente mesmo, o caso é importante, pois justifica, d' luz da erudição, tendencias e attitudes que por vezes são combetidas ou criticadas.

Uma data celebre para a mentalidade e cultura nacionais foi a de 15 de sete mês. No mesmo dia do ano de 1309, D. Deniz concedeu, com effeito, varios privilegios e imunidades á Universidade de Coimbra, querendo desse modo afirmar o seu respeito e interesse pelo primeiro estabelecimento edu-

cativo do país, nessa epoca distante. Uma das mais curiosas disposições desse diploma é aquella que liberta de direitos de transito, em todo o reino, os escolares, seus criados, cavalgaduras, livros e alfaias quando fossem para o Estudo ou dele regressassem.

Bons tempos! Agora, que tão bem sabemos que as viagens são indispensaveis á educação da mocidade, nem mesmo para os lugares de estudo ellas são mais baratas. O saber paga-se, porque vale dinheiro. E talvez se não se pagasse, ninguém o tomasse a serio...

Entristece um tanto a leitura da entrevista com Mauricio Maeterlink que as «Nouvelles Littéraires», inserem no ultimo numero chegado a Lisboa. O grande escritor, o estilista raciniano o poeta inesfavel do «Segredo dos Humildes», e de tantas obras-primas aparece ali demasiadamente cativo de preocupações materiais.

Não o apresenta claramente assim o entrevistador, o sr. Pierre Daye, mas adivinha-se que Maeterlink nunca perde de vista o dinheiro. Por exemplo, o proposito da literatura belga: «Não se pode viver. Atmosfera abafante. E não é coisa que compense...» Que dirão a isto os compatriotas do illustre evocador e mestre de Beleza espirital? Nada, é claro... Que melancolia, porém, sentirão os seus admiradores mais ingenuos ao saberem-no tão cioso de lucros e tão desdenhoso da literatura, aliás notavel, da sua pequenaa e heroica Patria...

Molière — que nem as admiráveis

traduções de Castilho tornam mais conhecido e mais representado em Portugal — morreu ha 262 anos, em 17 de fevereiro de 1673. A irradiação universal do seu genio e a permanente actualidade da sua obra, justificariam bem que vissemos mais vezes o «Medico á Força» ou «As Sabichonas» nos nossos theatros. Prodigio eterno da arte dramatica e de fundo conhecimento da humanidade, todos ganharíamos em conviver menos raramente com as suas personagens, que são, afinal, figuras de hoje e de sempre, exemplos que muito convem ora seguir, ora não imitar...

Um curto, mas delicioso poema de Alberto Ramos, poeta brasileiro quasi desconhecido em Portugal. Trata-se da oferta duma rosada concha do mar á bem-amada:

Esta concha nasceu, como Venus, da onda.
Rosa, lactes, pella, intacta e sem defeito.
Não tinham tauto preço as gemas de Geliconda.

Semelha um coração acabado e perfeito.
Escuta e lhe ouvirás um borborinho estranho
De ordas batendo ao longe em criptas de granito.
Ei-la, é tua! Uma flor a excedera em tamanho!

Mas dentro ruge o mar, infinito, infinito...
Com versos destes, qual será a mulher que não prefira que lhe ofereçam conchas, em vez de rosas ou cravos dos mais ricos jardins?

Boionha vai celebrar o centenario do nascimento de Carducci, o grande poeta da unificação da Italia, que em d'Annunzio um dia se proclamou herdeiro e continuador. Anti-clerical apaixonado, patriota-entusiasta, não lhe foi difficil conciliar essas duas tendencias, numa epoca em que o poder temporal do Papa constituia um obstaculo para a formação do Estado Italiano. «O Hino a Satana», seu primeiro poema, tornou-o logo illustre. E desde então, 1865 até 1885, não deixou de publicar numerosas obras em verso, das quais a mais notavel é «Odes Barbaras». Em 1887 o governo criou uma cadeira especial para o ensino de Dante, na Universidade de Roma, que destinava a Carducci. O velho vate, porém, recusou-a, porque lhe impunham explicar a «Divina Comedia» sob o aspecto exclusivo da sua critica á autoridade papal. Honesto e sincero no seu clericalismo, Carducci negou-se a essa tarefa. Morreu senador, em '890, em plena gloria literaria e em pleno prestigio social. Foi, de facto, um dos maiores poetas do seculo XIX, um Junqueiro italiano, de vasta irradiação em todo o seu país e em todo o mundo.

Prefira a «CHIC» para os seus almoços e jantares, e verá que todo o serviço lhe dará inteira satisfação.

Fatos a prestações

De 15\$00 por semana, com bons torros e esmerado acabamento, só na Alfaiataria Lanas, Limitada.—Praça D. João da Camara, 4, 1.º (por cima do Café La Gare)
Em frente da estação do Rossio

Baile

Os mais lindos penteados executa o cabeleireiro do Rossio, 93, no.º 2

ANTOLOGIA POETICA SILENCIO

Falam do teu silencio a meu respeito.
Pouco importa. Deixá-los murmurar.
Se o noto é por achar talvez suspeito
Que um silencio dê tanto que falar...

Não passa d'um inutil preconceito
o que te prende, o que te faz calar.
Mas eu sinto, atravez do teu despeito,
quantas coisas me diz o teu olhar!

Já não te encanto? Já te não convenço?
Deixa gritar o teu orgulho imenso,
deixa o teu odio delirar enfim!

Julga-me igual a todas as mulheres,
insulta-me, despreza-me, se queres,
mas, pelo amor de Deus, fala de mim!

Virginia Vitorino

Publicamos de novo este lindo soneto de Virginia Vitorino, por ter saído, no ultimo Suplemento Literario, com inexactidões que lhe alteraram o sentido.

ABADIA

«First-Class»-Restaurant
Almoços, Jantares e Ceias, serviço á la Carte. Cozinha recomendada.
Especialidade em Mariscos e Cervejaria.

Sae amanhã
o 3.º numero de

FUTEBOL

com todas as suas secções
e excelente colaboração

Quintão, L.ª (Decoradores)

Apresentam mobiliario moderno para todas as applicações
Estofos, cortinados — Bibeis, emblemas
AS MAIORES NOVIDADES
RUA IVENS, 44—LISBOA
TELEFONE 28089

SUM

É o melhor
limpa
metais

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

UM CONTO POR SEMANA

HISTORIA DUM GATO

Foi o ventre arrombado duma velha cadeira «Voltaire» que lhe serviu de berço. A mãe, uma gata experimentalista e esquiva, escolheira para o filho da sua filharada porque no fundo do seu bôjo escuro havia ainda uma porção de crina sotivelmente fôra.

O nosso rancho de miúdos já sabia que, com matematica pontualidade, aquele canto do caótico celeiro se animaria duas vezes por ano com os nascimentos dos gatinhos. Era um acontecimento previsto, esperado e fatal, como a vinda das estações. Na nossa ingénua ignorância de crianças, encardávamos os bons-sucessos da velha gata da quinta com a mesma placidez com que viamos as perleiras darem peras e as galinhas pôrem ovos. Acostumados a que tudo produzisse à nossa volta, achávamos naturalíssimo que a gata tivesse filhos.

Por essa altura ouviamos muitas vezes as «pessoas grandes» da casa falar numa certa mulher que tinha um nome musical e estranho: Zilda. As conversas a seu respeito nasciam cortadas de residências de sibyllas alusões, de meias frases enigmáticas. Lembro-me até que o meu pai, quando se dispunha uma vez a contar a sua história a alguém, me mandou para o jardim—«a ver se chovia». Esse nome ganhou assim nos nossos espíritos, um perfume de misterio, um sabor lendário, e um prestígio de fruto proibido que o tornou merecedor da nossa devoção reverente e supersticiosa. Vinha então a saber que a Zilda era a honra e a glória duma peça do senhor Alfredo Cortez. Mal sabe ele que ali por volta de 1920 houve num recanto afastado da província um grupo de crianças que quem ela foi uma das deusas misteriosas do seu Olimpo infantil.

Por isso, quando a Gertrudes cozinheira de cima do seu ventre empinado nos afirmou, em tom peremptório e dogmático, que o bichano recém-nascido era uma femela, todo o rancho aplaudiu com fôlego entusiástico a sugestão de um de nós: «Então há de chamar-se Zilda!».

Final a Gertrudes enganou-se. A «Zilda» foi crescendo, passou a abrir os olhos verdes, começou a achar graça aos bugalhos com que a presenteávamos, e um dia a Gertrudes descobriu que o seu prognóstico fôra errado. E avisou-nos, como se partisse de nós o equívoco: «Os meninos estão enganados... A gata e um gato!». Ficamos desapontados. Já nos tinham acostumado à ideia de que se tratava duma gata, já a havíamos baptizado com um nome feminino—e que esplêndido nome ele era!—e afinal era preciso substituir tudo isso. Durante uns momentos reinou a desorientação nos arraisais da pequenada. Mas de repente eu—que por ser o mais velho, estava já mais versado nos mistérios da gramática—tive uma ideia luminosa: «Já sei! Temos que lhe chamar Zildo!». A assembleia aprovou a proposta por aclamação e ficou tudo novamente a ter gosto pela vida.

Puco depois o Zildo fazia parte integrante da nossa tribo. Não havia brincadeira em que ele o achatado da cabeça e os olhos verdes irrisados de oiro prometiam raras faculdades carnicieiras. Mas nessa altura ainda não tinham tido tempo de se manifestar os atávicos instintos do nosso pequeno Zildo. Por então os prazeres da sua vida, velha ainda só de uns vibrantes sessenta dias de verão, resumiam-se a bem pouco: o sono regalado que nem sempre lhe consentia a nossa esturdia fofosidade de pequenos diabretes, o leite bem açucarado com que premiávamos o seu permanente gosto pelas nossas nunca satisfeitas brincadeiras, a ebridade que lhes proporcionavam as loucas correrias e cabriolas a que tudo lhe servia de pretexto. Durante esse tempo o Zildo foi para o nosso irrequieto grupo um constante motivo de diversão e interesse. Todos nós rivalizámos em imaginar novos meios de provocar as suas doidas traquinices ou de pôr à prova a ignorância maravilhada da sua infantil inexperiência. Um dia lembrámo-nos de o meter num grande alguidar de zinco que pudemos a bolar no tanque. E não tinham fim nem limite as nossas gargalhadas e exclamações perante a mimica feita de pasmado espanto e temor, do pobre animalzinho desconcertado e perturbado pela novidade insuspeitada do instável elemento. Mas quando, saciados já do novo folguedo, o retirámos do escoregado alguidar, depois de o termos puxado para a margem com uma cana, o nosso prazer tingiu-se de remorsos ao verificarmos com ternura e carinhoso confrangimento que o seu pequenino coração badalava alvocado e que os seus olhos claros, havia ainda um reflexo do terror que acabava de sentir.

Doutra vez—e foi certamente então que se lhe revelaram os prazeres excitantes da caça—como um de nós tivesse apanhado um mísero pardal de telhado na capoeira, onde entrara por algum buraco da rede com que não atinara depois, atámo-lo a um cordel e puzemo-nos com ele a fazer-lhe «foquinhas» (como nós dizíamos).

O Zildo ficou maluco. Os olhos brilharam como fogo e os seus olhos claros, havia ainda um reflexo do terror que acabava de sentir. Doutra vez—e foi certamente então que se lhe revelaram os prazeres excitantes da caça—como um de nós tivesse apanhado um mísero pardal de telhado na capoeira, onde entrara por algum buraco da rede com que não atinara depois, atámo-lo a um cordel e puzemo-nos com ele a fazer-lhe «foquinhas» (como nós dizíamos).

lhe um puxão rápido e oportuno: o gato passou no ar, como uma flecha, forçou-se, estendeu uma pata, garras em haste, mas só conseguiu roçar o passaro. No ar ficaram uma penas minúsculas a pairar. Todos nós, em volta, não despregávamos os olhos daquela luta, cruel e bela.

Novamente o mesmo maneio recomeçou. Desta vez o Zildo demorou mais a preparação do novo salto. Acachapado, meneava o corpo como a tomar balanço. De repente lançou-se para a frente, num relampago. E dessa vez venceu. Dentês e unhas cravadas no corpinho palpitante da avezinha, ficou a balançar-se no ar uns momentos, suspenso também do cordel, puxado demasiado tarde. Depois a fragil permitiu do pardal ceder ao seu peso. E o Zildo partiu a galope e sumiu-se pela goteira da porta da adegã, onde foi saborear na sua fresca penumbra a presa conquistada. Quem poderá imaginar todo o orgulho e toda a volúpia com que deve ter sentido correr na garganta o sangue quente e perfumado da sua primeira vítima, primeiro inestimável da sua primeira vitória!

Pouco depois acabaram as férias. Eu vim para Lisboa, tentar vencer o exame do primeiro ano do Liceu. E o resto do bando perdeu a sua bela liberdade estival para passar a padecer a tirania dum senhora mestra miopo, sorumbática e paciente.

Entretanto o Zildo foi avançando em experiência e força. Gradualmente adquiriu compostura e gravidade. Fez-se gente, enfim. E quando voltou o bom e livre tempo das férias do verão, o nosso grupo de garotos verificou com um certo despeito que o Zildo estava um gatarão insuportável, cheio da sua pessoa, indiferente às nossas brincadeiras, muito senhor de si e que já não nos ligava nenhuma. Resolvemos tacitamente pagar-lhe na



mesma moeda e o Zildo perdeu assim todo o interesse e todo o encanto para o nosso bando de gente de palmo e melo.

Durante dez rápidos anos o Zildo viveu a sua breve vida de gato robusto, independente e feliz. Nós crescemos também, tornámo-nos num grupo de rapazes turbulentos e empreendedores. Começámo-nos a interessar por entretenimentos viris: cavalos, cães, espingardas e as raparigas novas, rijas e facéis, das ceifas e das vindimas. Os deuses da nossa mitologia de rapazes variaram também. Chamavam-se agora Capitão Morgan ou Capitão Nemo, Raffles ou Sherlock-Holmes, Douglas ou Matias Sandorf, Carpentier ou Gago Coutinho—conforme os temperamentos.

Voltámos então a achar graça e interesse ao Zildo. As nossas imaginações, inspiradas em portentosos feitos de audácia, valor e força, aos nossos espíritos formados no culto das qualidades morais que distinguem os grandes capitães e os puros heróis e no «fair-play» dos anglo-saxões, a existência voluntariamente ardua do Zildo afigurou-se-nos digna de estima e consideração. E' que, de facto, o Zildo nunca se deixou abandonar à fadiga dos gatos domésticos. Viveu continuamente em luta. Quasi sempre, quando aparecia à noite na cozinha, não tocava na comida que lhe punham à frente: já tinha a barriga cheia—pardais ou ratos que caçava. Não era gato que se deixasse avassalar pela doçura de viver: era raro velo enroscado na chaminé ou sobre as almofadas da sala. Preferia deambular pela quinta, livremente, ou disputar aos outros bichanos as gatas lascivas. Nunca foi capaz de roubar um petisco de cima da mesa da cozinha ou se permitiu o menor desatôgo físico, portas adentro. O Zildo tinha o aprumo dum «gentleman» e o estofo dum «sportsman».

Contava no seu activo as mais brilhantes façanhas: fenomenais tarelas em rivais de mérito, escaladas sensacionais por telhados e arvôres, violentas cenas de sôpapo com os perdigueiros poltrões e estúpidos da nossa matilha, que acabaram sempre por bater em vergonhosa retirada, fochinhos arranhados e olhar submisso, enquanto ele

ficava senhor do campo de batalha, sobranceiro, a cauda a fustigar nervosamente para aqui e para ali, entre orgulhoso e espantado da fácil vitória obtida sobre adversários de tanta corpulência.

Mas um dia foi lá parar à quinta um pequeno «fox», rijo como um seixo e valente como as armãs, e com esse é que ela já não levou a melhor. As brigas entre ambos surgiam a cada passo e era fatal acabarem com o Zildo empoleirado na ramada de certo ulmeiro mais propício para fugas precipitadas, e o «fox» cá em baixo, resingueiro e rufo, ladrando de raiva impotente.

Como se o «fox» não bastasse para lhe amargar a velhice, um dia o Zildo apareceu com um olho vasado. Garra de rível? Unha de doninha? Espinho traiceiro daiguma tojeira? Nunca o soubermos.

Essa meiaegueira não só lhe prejudicou a eficiência das suas faculdades batalhadoras como veio precipitar a decrepitude que já o espertava. Desde então o Zildo envelheceu a olhos vistos. A sua bela pelagem luzidia perdeu o brilho e o esplendor, o corpo estreitou, o focinho cobriu-se dum nevoa de pêlos brancos. O Zildo estava uma sombra do que fôra.

Por essa altura começaram a desaparecer pintos da capoeira e coelhos, dos pequenos, das coelheiras. Culparam-se os milhafres, acusaram-se supostas ratas, chegou-se a suspeitar daiguma raposa mais afoita. A rapinagem assumiu em breve, pela sua frequência, foros de desaloro. E tal foi ela que se resolveu um dia durante o almoço—estávamos nas férias da Pascoa—que era preciso pôr ponto a semelhante pillagem, sob pena de rraça a terra, contra o desconhecido «inimigo público n.º 1». Cada um propôs os meios de combate que lhe eram mais caros. Houve discussões, mas por fim acordamos que o preferível seria espilar a capoeira de cima dum freixo que ramalhava perto. Ao cabo de dois dias de vigilância conseguimos identificá-lo: era o Zildo! Ficamos «altos do chão».

O Zildo, um gato Irrepreensível, com um passado tão brilhante e tão puro, uma tão perfeita noção dos seus princípios—fazer uma coisa daquelas! Se o não tivéssemos surpreendido em flagrante delicto, não acreditaríamos. Mas não—fôra apanhado com a bôca na botija, não havia que duvidar.

A indignação em casa foi geral e veemente. Toda a comunidade familiar, do nosso Pai à Gertrudes cozinheira, julgou o crime do Zildo—nefandice e lembrança das perdas que a capoeira sofrera, impediram-nos de ver—para além daquele crime de lesa-família, verdadeira traição à Casa—a exacta explicação do desvarimento senil do pobre Zildo. Agora sim, compreendo-o e quasi o desculpo. O Zildo, quando se viu impossibilitado de continuar a sua vida de caçador, quando verificou que os seus músculos não tinham já a elasticidade necessária para poder surpreender a presa, quando compreendeu que a falta de um dos seus olhos era um óbice irreparável, não soube nem pôde abdicar. Não foi capaz de se habituar às sópas desenxabidas da Gertrudes, não pôde resignar-se a nunca mais sentir estrebar entre as suas patas o corpo fremente e moribundo duma vítima, a nunca mais sentir escorrer-lhe pelas guelras o sangue grosso e mórno duma presa na agonia!

E foi certamente por isso que se decidiu a saquear a capoeira, onde encontrava vítimas fáceis e indefesas. Fraqueza que a disciplina e a moral do melo não soube compreender nem desculpar. E o Zildo foi condenado a morte.

No saco de sarapilheira onde esperou o epítogo do seu destino, o Zildo miava desesperadamente. A voz, vez lamentosa parecia suplicar piedade, mendigar clemência. Mas nós fomos implacáveis. Eu principalmente, que fui o encarregado de cumprir a sentença.

Aos meus vinte anos petulantes repugnaram confessar tibieza, mostrar relutância por essa tarefa antipática. Foi buscar a espingarda, meti-lhe dois cartuchos nos canos e mandei levar o saco com o Zildo para o pateo das abegarias. Quando me dirigia para lá, flanquado pelos meus irmãos, palidos, um tanto enfiados, a Gertrudes salutou ao caminho:—O' menino, não mate o gato! Não faça isso! Olhe que arranja sete anos de trabalhos!

—Historias! rosnel. E ria-me, a fingir que estava muito senhor de mim.

A Gertrudes ainda voltou à carga, pediu-me que ao menos não o matasse debaixo de telha, porque, isso, então, era muito mau.

Para evitar complicações, resolvi matar o Zildo mesmo dentro do saco. Ele continuava a miar, angustiadamente, e não parava quieto um segundo.

Puz-me a alguns passos do saco, apontei o melhor que pude ao vulto que se movia debaixo da sarapilheira, e disparei.

A carga abriu um buraco no saco por onde o Zildo, com um berro, um salto e um fogueté, ensanguentado e com uma mão partida. Em dois saltos refugiou-se atrás duns paus e duma chivrea que estavam armadas a uma parede.

Tudo eu tremia e já dava ao diabo a alhada em que me metera. Mas já não podia recuar.

No seu refugio, o pobre Zildo, apavorado, bufava de terror e raiva. Cauteiosamente afastei umas tabuas. Lá estava, mirrado, o olho a coruscar, doido de medo. Meti a arma a carga, apontei bem à cabeça e puxei o gatilho. O Zildo, dessa vez, tombou sem um gemido.

Dez minutos **Delirio das Imagens**

com



JOSÉ CARLOS R. RETRATO DE ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

Forjaz de Sampaio

Desde as «Cronicas Imorais» até ao limiar da Academia de Ciências, Albino Forjaz de Sampaio não levou no trajecto mais do que meia duzia de anos. O seu sorriso, clinicamente postico, constitui ainda hoje o seu melhor cartaz literario. Todos acreditam nessa impiedosa flexão dos labios, só ele, Forjaz, no romance burguês da sua alma, ao descahir a mascara, deve sorrir, então, com a solerte ironia de quem brinca com os mortais, tal qual uma aranha venenosa, erodilhando uma mosca inerme e preguiçosa. A sua obra literaria abrange vinte e seis volumes, se nós sabemos contar pelos dedos, tendo os titulos de memoria. Podemos dividi-la em dois periodos. O primeiro, «Palavras Clinicas», «Lisboa Tragica», «Cantaridas e Violetas», é mais forte. Forjaz, sem se afastar da sombra de Filho, embora com cintillações originaes, mostra-se duro, implacavel, pintor impressionista de notavel claro-escuro voluptuosamente desagradavel, agreste, incooclasta. O segundo periodo, marca uma acalmia. O escritor torna-se um bibliografo, um robusador de curiosidades e fazedor de colecções: «Os Barbaros», a serie «Patricia», a «Historia da Literaturas», etc. Mas não se desdiz. Fala-se de Forjaz como dum demonio literario. E' temido e respeitado, e, no entanto, contactada a sua sensibilidade manifesta-se vulneravel a amizade, e não sabemos mesmo se a admiración. Não sabemos se este pequeno prefacio aos seus «dez minutos» incorrerá no desagrado do escritor. Couraçado como está, a nossa pena simples de jornalista, de resto mal aparada, não chega a fazer massa. Forjaz, duellista das letras, embaíha a sua lamina terrivel de duellista das letras, e vamos conversar a boa paz. Ora diga:

—Tem ganho muito dinheiro com os seus livros?

—Alguns! Mas não se pode dizer muito se não tributam-se!

—Qual das suas obras prefere?

—«Vidas Sombrias». E digo porque: no fundo sou um romantico, quasi que namoro a lua. Conheci na vida todas as figuras desse livro. Entranhei-me na sua miseria e na sua dor de humilhador. Ninguém fez caso delas... Só eu, piedosamente.

—Forjaz, você perdeu o «cinismo» quando entrou na Academia?

—Sou a mesma coisa. A Academia não me tirou, nem pôs. Tenho uma grande consideração por ela, e entendo até que o papel das academias é dignificar as pessoas que, por seu turno, a dignificam.

—Que livros prepara?

—Entre outros, «Em tempo de guerra».

—Da guerra que passou?

—Não! Uma guerra hipotetica, entre Portugal e a Espanha sovietica.

—Quais as suas maiores admiraciones literarias?

—Duas muito grandes...

—Fialho...

—Fialho e Camilo.

—E dos modernos?

—Leio tudo e aprecio todos.

—Com que então, mesmo «cinico»?

—A mesma coisa, amigo. Eu não sou cinico, a vida é que o é. Limito-me a interpretá-la o melhor que sei, escrevendo!

MADRE-NATURA

A Martinho Fernandes Piloto

Homem livre, eu adoro o céu livre e estrelado, a serra, a veiga, o Prado, o oceano furibundo e o sol, que asperge sempre o seu fulgor doirado, suas benções de luz por sobre todo o mundo.

Ao contemplar assim tais quadros deslumbrado, e sem cair nas ascêse, em ar cogitabundo, nem pasmar em fervor de misticismo eivado, sirvo num alto enlevo o meu gosto jocundo!

Todavia, eu professo uma religião pura, de rito racional — a de Madre-Natura — com um Deus — o Universo, o único demiurgo,

e monjas, sem unção nem apparencia querula — a casta Madre-Silva e a linda Madre-Pêrola — a venerar o Amor, o grande taumaturgo.

A' MANEIRA DE HAMLET

A Assis Esperanca

Morrer — abrir os olhos para Além, mergulhá-los na sombra pungitiva, ir em busca da grande perspectiva finda a qual se divide o mal ou o bem...

Dormir — fechar os olhos, para aquém do limite da acção terrena e viva; renovar a Quimera, que ninguém julga propicia e, antes, alitiva.

Sonhar — abrir os olhos no belvêr de onde a imaginação, num fito insano, vê fantasmas de eterea idealidade...

Talvez... sejam viver, dormir, morrer tôrvas contradicções do Sonho Humano que é na Vida a suprema realidade...

SANTA DA CABECEIRA

(A' memoria de minha mãe)

Num casebre de aldeia aparece um mendigo anquilosado e triste, a pedir a pousada. Boa gente, o aldeão, a mulher, a criançada atagam o infeliz, que ali consegue abrigo,

Depois de em caldo bom comer o pão de trigo, resto da exigua ceia, ha pouco terminada, o pobre de pedir então uma balada em que exalta o favor do acolhimento amigo,

Sobre o catre onde vae ter dormida e quentura, o mendigo, em seguida, afixa com ternura um retrato da mãe, sacado da algibeira.

Das crianças a mais curiosa e inocentista pergunta-lhe, em fervor: «Quem é esta santinha?» — «E' a minha boa mãe — Santa da Cabeceira!»

SEGREDO INVOLÁVEL

A Norberto de Araujo

Olhai que andei a ansiar por saber o mistério em que a morte se oculta e a vida se restringe, interrogando sempre essa eternal esfinge que nos fascina e atrai — do berço ao cemiterio.

Qual será, homens vãos, o turbido criterio que rege o Nada-Ser e que de negro o tinge? Na pânica intuição da incógnita que o cinge, para vós decifrei esse enigma funereo:

Quando nos vem colher, revela o seu segredo — um segredo de morte! — em fata repentina, a Parca, assim tranzindo o Homem lacrimável...

E todo o moribundo, empolgado p'lo medo, é levado, no horror do assombro que o fulmina, a guardar na jazida o segredo inviolável...

CANTORES DE RAÇA

A José Maior

Na gaiola gentil de níquel e de faia, o meu canario estuda um fresco «vocaliso». Puro cantor de raça, em seus trilos ensaia mais um novo chilreio, alegre como o Riso.

Não quiere emitir sons metalicos de guiso; e, assim, o seu gorgoio em «trémolo» desmaia, para ter — tipo ideal de ave do Paraíso — um cántico maior que a todos, sobresaja.

No esplendor do meio-dia ou nas doces auroras, encontra a proporção das belas cantorias, o som conforme a luz — em forte ou em «smorzando».

Que destino feliz o das aves canoras: Amar o Sol, para render-lhe melodias e fruir o prazer de encantar-nos, cantando!

NO BANQUETE DA VIDA

A Joaquim Parreira Branco

Devoto de Epicuro, o Prazer convidou seus amigos joviais ao maior dos banquetes onde não haveria os nefastos verdetes com que a Lucrecia vil seus crimes perpetrou.

A' Juventude e a Gloria ofertou ramilhetes; ao Dinheiro e ao Poder encómios dedicou... e, ao «toast», festejando a Alegria, queimou numa orgia de luz mil ruidosos foguetes!

Por fim, quando rescende, a tombar sobre a mesa, uma chuva aromal de rosas de Veneza, a Morte surge e a mão de todos logo aperta.

— Eu não te convidei! — diz-lhe o Prazer, tranzido. Mas, a Intrusa esclarece: — Um costume sabido... No Banquete da Vida, a Morte é sempre certa...

SANTOS VIEIRA

POMBOS CORREIOS

● Livros portugueses que se vendem mais durante a semana: *Patria Esquecida*, de João de Barros e *Quatro Novelas*, de Ana de Castro Osorio.

● Livros francezes: *San Michel*, de Axel Munthe e *Victor Hugo et les jennes*.

● Falleceu, com 72 anos, um dos escritores mais fecundos de todos os tempos: o inglés Fleicher. Publicou 230 volumes, na sua maioria novelas. Praticou durante largo tempo o jornalismo, com o pseudonimo *Um filho da terra*.

● O grande Stendhal, da *Chartreuse de Parme*, numa auto-biografia, fez este curioso vaticinio: «até 1935 não serel inteiramente compreendido». Que se pronunciem os criticos.

● Albino Forjaz de Sampaio tem pronto um livro intitulado: *Em louvor do nona arte*.

● O assunto e saboroso: gastronomia, antiga e moderna, condimentado com a ironia peculiar do autor das *Palavras clinicas*. Prepara outro: *Historia do livro em Portugal*.

● D. Ana de Castro Osorio publicou

agora, com o titulo *Quatro novelas*, um belo livro de admiraveis qualidades literarias.

● O pintor Varela Aldemira, professor da Escola de Belas Artes, vai publicar o seu estudo sobre *Freud e varios aspectos esteticos*.

● Coincidencia curiosa: O dr. Hippolito Raposo publicou em 1918 uma novela com o titulo bem português de *Ana Maria*. Pois agora saiu, em Paris, com o mesmo nome um romance de Henri Pierangeli.

● Maia Alcororado reuniu um feixe de contos com o titulo: *A' Boca Pequena*, que saiu ha dias.

● Apareceu no British Museum, de Londres, a versao egipcia do Novo Testamento, que ha seculos era tezamente procurada. O manuscrito deve datar da primeira metade do seculo II.

● A produçao editorial alemã tem deminuido muito nos ultimos anos. Em 1928, 28 mil volumes; em 1932 21 mil.

● Uma empresa editorial de Lisboa vai fazer uma antologia da obra de Gomes Leal.

● O premio *Gringoirc* foi atribuido ao romance *Les Flambeurs d'Hommes*, de Marcel Griand. A acção passa-se na Abissinia, o que dá ao livro uma actualidade escaldante. Griaulé é um jornalista, que tem viajado muito por Africa, em missões officiais.

● O premio foi recebido por madame Griaulé, em virtude de marido se encontrar agora no Sudão.

● O nosso camarada Ferreira de Castro que, no sabado, partiu de avião para Tanger, vai fazer uma larga diressão literario-artistica no Mediterraneo. Visitará, entre outras terras, Argelia, Grecia, Egipto, Siria e Jerusalem. Reserva para a *Noite*, do Rio de Janeiro, o exclusivo das suas impressões.

● A famosa crise do livro, em Portugal, sofreu agora um desmentido energico, com *A verdade acerca da batalha da Jutlandia*, livro bem apresentado e bem traduzido, cuja venda tem constituído um autentico êxito, como ha muito não se registava no nosso mercado.

LIRISMO E CRISTIANISMO**Um missionario poeta**

Dos "Laudi" de S. Francisco de Assis á "Romaria" de Vasco Reis

Para o pensamento humanista toda a criação espiritual sincera contém a verdade. E a sua grandeza sente-se na profundidade com que é vivida, na intensidade de vibração humana que contém.

Curioso é notar como o cristianismo, na sua posição de cultura indo buscar aos escritores greco-latinos as parcelas da verdade que veio afirmar com a síntese da sua civilização—revela também a mesma compreensiva posição espiritual. Na *Ode a Polhon* de Virgílio toda a Idade Média viu o anúncio e a profecia do milagre máximo do cristianismo.

Estas posições críticas não implicam transigências nas afirmações criadoras. O cristianismo por ter absorvido tudo quanto na civilização greco-latina lhe era útil á sua criação ou anunciava a sua verdade nem por isso tem qualquer coisa de paganismos.

O historicismo crítico, no seu início, dominado pelo preconceito das origens—co-n-o se toda a civilização não nascesse, embora condicionando—com inúmeras influencias, de um momento de criação genial—quiz vincar o que ela chamava as persistencias do pagamento dentro do cristianismo. Inútil constatação. O que importa mais não era marcar as persistencias, mas os elementos novos, o sentido novo que essas mesmas persistencias tomavam na nova civilização. O mesmo tem sucedido e sucederá ainda por muito tempo com o *humanismo*.

O mesmo erro não deve nunca ter o pensamento humanista nem o pode ter para não limitar a grandeza da criação humana—eterna e mutável—á uma forma de civilização.

Ao novo seculo do Humanismo—ao seculo XX o sonho da sua afirmação plena (em que pese ás multiplicas reacções e resistencias que, combatendo-o, revelam afinal na sua força criadora) não pode repugnar o movimento de revivencia espiritual do cristianismo e em especial do catolicismo. Quando falamos de revivencia não me reporto á continuidade da sua doutrina de ininterrupta grandeza mas ao seu novo poder de criação espiritual espontanea—ao seu poder de criação poética.

É este o ponto de vista superior como o encaro, com alegria, o anúncio do aparecimento em Portugal de um grande poeta cristão. Esse anúncio é o livro «Romaria» do padre Vasco Reis. Devo á sinceridade para comigo e á sua amizade que de longe—da sua santa missão em terras de Africa—me acompanha—devo ao respeito que tenho pela sua cultura e pela seu valor que ha de fazer dele—assim, o espero—um grande da nossa terra. O dizer que o seu livro é apenas um anúncio da sua grandeza futura.

Apenas? Quereria que esta palavra pudesse aqui definir, sem limitar nem diminuir.

Porque não seria justo também diminuir ou limitar o real valor do poema «Romaria».

Poderer talvez fazer-me compreender dizendo que a «Romaria» não é um grande livro—mas é um grande primeiro livro.

É o anúncio de uma obra que se ele quiser impôr á si proprio a grandeza de que é capaz e se nós a soubermos compreender e amparar—háde surgir em toda a sua plenitude.

Mas a «Romaria» é, de facto, um grande primeiro livro—com todas as características daqueles que revelam a possibilidade de uma continua ascensão no obra do seu autor.

Raros e não se pode dizer

que os melhores—são os poetas que na juventude revelam toda a sua grandeza. A poesia é uma obra de profunda maturação não se ji tenill espontaneidade.

As qualidades mais desejaveis num primeiro livro são as que re-



VASCO REIS
O missionario Vasco Reis em Lourenço Marques

velam e anunciam uma grandeza futura e uma directriz firme na sinceridade com que foi vivido.

Não é a perfeição técnica, exterior da «Romaria», a qualidade que neste livro mais me interessa.

Esse dominio da linguagem poetica—que tantos simplistamente desprezam, sem perceberem que os ritmos das palavras e as harmonias da sua relação com o pensamento e o sentimento do poeta que os emprega tem leis proprias que nem por terem de ser recriadas por cada poeta que os emprega—ou talvez mesmo por isso—deixam de ser mais definitivas que as da musica—é já seguro em Vasco Reis.

Falta-lhe porém quanto a mim—uma interiorização no pensamento criador que o inspira. Quando perder certa dramatização exterior e passar a exprimir a tragedia intima, quando a sua ironia ganhar em transcendencia o que perder em pitoresco externo—á sua forma será o instrumento perfeito que require á sua grande criação espiritual.

Ha na «Romaria» um encanto muito proprio—á sua capacidade de crenga no milagre actual. A Poesia é—uma crenga no milagre mais alto—á criação pela magia poetica de um ritmo novo para a vida e para o mundo.

Os homens—porque têm realidade—milagres de acção—julgam dever afastar o milagre da vida. Profundo erro. Ha mais mistérios entre o céu e a terra do que pensa a nossa filosofia.

Com que beleza se revela na «Romaria» este poder de crenga no milagre das almas, na profunda salvação das desgraças ou na realização dos desejos ingenuos—na crenga de Santo Antonio. Eis

um sentimento bem propriamente cristão deste vulto tão português de Santo Antonio. Não vejo nele nada de paganismos. Nisto discordo—com a amizade e respeito que na discordancia ele merece—com a observação critica de Fernando Pessoa a proposito da «Romaria». Não não ha nada neste livro nem neste autor, nem no franciscanismo poetico, de culto por Santo Antonio, que ele representa, nada de paganismos. Nem certas formulas populares de religião representam paganismos nem elas são, particulares do povo português.

O amor e o milagre de Deus esperam nas coisas e a elevação de tudo para a divindade não significam pantelismo de S. Francisco de Assis não representam nem de longe qualquer forma de pantelismo.

Representará qualquer paganismos o culto popular de Santo Antonio? Não vejo como. Essa ingenua—e também profunda—forma de enternecimento da vida e do quotidiano no milagre é bem cristã.

De um cristianismo de ternura em que—embora nos não seja exclusivo—realizámos ou poderemos realizar mais altas criações—de um cristianismo que, com a forma massianica, nos é proprio, isso talvez.

O culto dos Santos—em que pese a uma critica simplista das formas religiosas—em vez de revelar qualquer persistencia de paganismos é uma das afirmações mais características e mais altas do cristianismo.

O culto dos santos enche de encanto e de poesia a Idade Média e mantém viva a mais alta afirmação do cristianismo o poder de chegar a Deus pela santidade—sublimação do humano.

O culto popular dos Santos e dos milagres revela uma ingenuidade natural—mas também uma profundidade—essa força que no cristianismo une o quotidiano e o eterno.

Revela—a em poesia neste seu primeiro livro o padre Vasco Reis.

O que devemos esperar dele? Que transcendendo do episodio para a mais alta interiorização, nos dê os poemas deste pensamento cristão e franciscano. Espere—de sua experiencia de missionario e da sua cultura da mais alta e complexa filosofia cristã. Das filosofias que a Igreja admite—nao da filosofia unica que quiseram fazer que a Igreja impuzesse, escolhendo entre todas a menos complexa e humana—á cultura franciscana mantem vivas as mais capazes de grandeza e de vitalidade.

Sei que as medita constantemente a grande alma cristã e o espirito culto do padre Vasco Reis. Compreensão da grandeza do sofrimento e do amor—lavour de amor são os poemas de S. Francisco de Assis—pensamentos filosoficos do plano divino rodando sobre o amor foi o de Duns Scotto. Realização em poesia do holocausto que fez da sua propria vida aceitando como bondade e amor a vontade de Deus—eis o que espero do livro que me anuncia «A Divina Poética».

É sobre o superficial religiosismo de certos poetas catolicos por moda ou calculo—sem interiorização nem cultura—quando um poeta cristão tem que ser um grande pensador e um homem de alta cultura—eu espero enfim surgir a criação de uma poesia cristã com a grandeza que merece e necessita para figurar dignamente na poesia portuguesa.

JOÃO DE CASTRO OSORIO

VINTE ANOS DEPOIS**Como um escritor português viu a guerra**

"A Avalanche," e o "Degelo,"

Quando em 1918 saiu a primeira edição deste livro havia quatro anos que a Avalanche estava em marcha e prosseguia, rompendo fronteiras, incendiando cidades, arrasando bosques, esmagando povos, talando caminhos, enchendo dos Pirineus ao Caucaso, do Egito á Persia, da cidade ao deserto, do Báltico ao Chile, da altura magnifica dos céus á profundidade abissal dos oceanos, a terra e o mar, os céus e os infernos, de julho de 1914 em que Princip matou a siro em Sarajevo os herdeiros do trono da Austria-Hungria, até ao dia 11 de novembro de 1918, em que num vagão, na floresta de Compiègne, foi assinado o armistício, que imortal pagina da historia do mundo se encerrava. Que nos ficou dele? Ruínas, cidades mortas que curram já as suas cicatrizes: Lovaina, Reims, Etreilles, Bethune, Namur, Arras, e nomes, nomes que significam periodos, heroísmos, lutas, combates. Passam todos num cosmorama espantoso. É a guerra toda que passa á sua evocação. Nomes de reis e de dirigentes: Esse megalomano Guilherme II e o Kronprinz, Jorge V, Nicolau II, o heroico Alberto I rei dos belgas, o velho Francisco José, Fernando da Bulgaria, Constantino da Grecia, Depois vêm os homens de Estado: Poincaré, Clemenceau, Millerand, Viviani, Briand, Lloyd George, Asquith, Chamberlain, Venizelos, Roosevelt, Wilson. Espectaculo deslumbrante, peça que precisa de actores espantosos, reis, majestades, casacas consteladas de honrarias, fardas cheias da lembrança de batalhas e heroísmos, eis que desfilam os seus generais e almirantes. Eidos que passam. E Foch, o da ultima victoria, é Joffre o vencedor do Marne, é Gallieni o salvador de Paris e o vencedor do Ourcq, São Petain e Castelnau os heróicos defensores de Verdun; são Nivelle, Mangin, Gouraud e os marechais Franchet d'Espèrey e Fayolle, franceses. São von Hindenburg, Ludendorff, Falkenhayn, von Kluck, von der Goltz, von Bolow, Mackensen, os almirantes Töplitz, o príncipe Henrique da Prussia e Scheer, o da Jutlandia, alemães; E' Pershing, americano; são Diaz e Cadorna, italianos;

Surge no écran as batalhas. A de Charleroi, a do Yser, as ofensivas d'Artois, da Champagne, as batalhas do Marne, os dias tragicos do Somme, os morticínios de Ypres e de Verdun, a defesa sobrehumana do bosque de Haumont, dos fortes de Vaux e de Dunaumont, da batalha do Loizoy, da Prussia Oriental, do Egito, da Africa. Passam ante os nossos olhos a ocupação marcial de Bruxelas, a cathedra de Reims ardendo como um cirio gigantesco, os livros da Universidade de Lovaina em cinzas; depois os bombardeamentos navais de Scarborough, Whitby e Hartlepool, os bombardeamentos aereos de Paris e Londres, o torpedeamento do Lusitania, o engarrafamento de Zeebrugge, o fuzilamento do traidor Casement, o fusilamento de Mata Hari, os servicos secretos de espionagem com seus trus, as revoltas, o assassinio de Jaurés, Passam ainda as grandes batalhas navais, a da Jutlandia ou do Seegerack, as de Coronel e Falklands, os afundamentos dos Dardanelos, navios enormes indo

(Ver continuação na pagina seguinte)

POLITICA E LITERATURA

Azaña

no ostracismo

comenta D. Quichote

Pode-se discordar da acção politica do antigo chefe do Governo espanhol, sr. Manuel Azaña; mas, ninguém negará o seu valor como parlamentar e escritor. O antigo aluno da famosa universidade de Alcalá Henares—onde estudou também o príncipe del Ingénio, Miguel de Cervantes Saavedra—marca na moderna geração espanhola um posto literario inconfundível. A atestá-lo: um volume com alguns dos seus melhores discursos parlamentares—lapidares de concepção e forma—uma peça teatral—de técnica nova—*La Corona*—e, ultimamente, *«La invención del Quichote»*—outros ensaios, motivo de justos elogios por parte da critica literaria da sua pátria.

Podem os adversarios de Miguel Azaña censurar o seu perfil de castelhano duro e frio—talhado á semelhança dos antigos inquisidores, miragem da terra seca e árida de Castéla—mas, nenhum deles poderá opôr reparos á intelligencia do ensaísta que domina com o seu saber o cenáculo do Ateneu de Madrid, vencendo com o seu espirito novo o secular D. Miguel de Valamuno e o milenar Ramon del Valle-Inclan.

PANORAMA LITERARIO PORTUGUÊS

ALVES DE AZEVEDO

entende

que a critica não se ocupa, devidamente, das obras de caracter colonial

Alves de Azevedo é um caso novo nas letras portuguezas. Tenta estabelecer uma doutrina critica, apolando-se na sua cultura, que é já vasta, e no seu poder analítico, que é singularmente penetrante. Muito há de nos escritores ingleses, a sua educação intellectual ressen-te-se disso, com todos os defeitos e virtudes peculiares a essa literatura, nem sempre adaptavel ao nosso meio. Como ensaísta deu já as suas provas. Dois volumes marcam a sua cota geometrica mental: Figuras contemporaneas, apontadas em traços incisivos, mas sem crueldade, e Problemas do seculo XX, larga exploração visual dos acontecimentos esteticos e literarios do nosso tempo, com referencias que demonstram uma cultura servida por um claro pensamento.

Alves de Azevedo não nos deu, porém, ainda a medida exacta do seu valor. O individuo literario está ainda em formação embora fecundo de promessas. Nas horas vagas da critica faz romances.

O seu Caso Singular, curioso, excentrico, tem o valor dum documentario. Alves de Azevedo procurou fugir ás regras consagradas do romance esquecendo-se, porém, de criar, ou, pelo menos, de apontar outras.

No entanto, algumas das personagens do Caso Singular são magníficas como «cortes» psicologico. O seu depoimento, apesar de restrito, é interessante porque marca uma tendencia: a literatura colonial; que só recentemente conquistou direitos de cidade. Alves de Azevedo peca, talvez, por um demasiado exclusivismo. Julgamos que essa modalidade literaria não pode constituir o alvo intellectual dos homens que escrevem muito embora tenha o lugar honroso que merece.

Não tomemos a parte pelo todo unico. Deixemos a cada um o direito de criar, em plena liberdade conceptiva, a sua obra, no embate das escolas, dos processos e dos tempos.

De resto foi sempre assim.

—Quais as características da actual literatura portugueza?

—A pergunta supõe a existencia dum facto de que duvidamos. Haverá realmente em Portugal uma literatura? Parece-nos que não. Cuidamos serem meras expressões de imperiosa necessidade de comunicação os poucos escritores verdadeiramente dignos deste nome que ainda podemos encontrar entre nós.

—E' assim tão pessimista?

—Um aspecto entretanto de actividade literaria em Portugal merece a nossa particular atenção por ser involuntariamente revelador dum renascimento portuguez que já expulsou victoriosamente a torpida formula da «apagada e vil tristeza» de vergonhosa memoria: essa obra de puro e generoso nacionalismo que os escritores coloniais como Henrique Galvão, Carlos Selvaem e outros andam empenhados em realizar.

«Em verdade não nos parece que a critica em Portugal quasi sempre demolidora se ocupe devidamente das obras de caracter colonial indiscutivelmente meritorias pois além de pretenderem informar-nos de tudo quanto diz respeito á vida do imperio tentam tambem criar uma mística que nesta hora de construção nacional em que todos os portugueses de boa vontade andam empenhados, deve obrigar-nos a mudar os nossos rumos literarios para que o imperio possa ser um facto.

—Mas como?
—A propaganda colonial pelo livro que tão mal orientada tem sido en-

tre nós, chegando por vezes a resultar nefasta, precisa que os escritores coloniais imponham cada vez mais a sua opinião que se recomenda



ALVES DE AZEVEDO

pela generosidade dos seus fieis e pela força das realizações reveladas de que o nosso ultramar é um vastissimo panorama.

«Depois de conquistarmos as colonias precisamos de conquistar Portu-

gal. E afigura-se-nos que é tarefa mais facil do que nos parece. Basta que todos os escritores com responsabilidades intellectuais se coloquem absolutamente na vanguarda.

«Nós proprios depois da publicação do nosso livro «Problemas do Seculo XX» sentindo que a força criadora dum são nacionalismo era indispensavel á construção do imperio, não hesitamos em tomar aquella posição certos de que só dessa maneira poderíamos ser uteis á colectividade.

«E' lamentavel, porém, que os escritores coloniais não sejam ainda considerados entre nós como merecem.

«Se nas coisas literarias o snobismo e a moda não fossem epidemicos em Portugal, se o nosso escol os escritores mais representativos, por exemplo, não consagrassem á Franca o interesse tão sabido nada justificava o constante aparecimento de livros feitos por recolta qualquer que de nenhum modo pode ser usado entre nós. Essas pastiches invertibradas são absolutamente inúteis e feitas do lixo que se deposita no espirito de certos constantes leitores da obra de Marcel Proust.

«Para esses escritores esclarecidos não existe o imperio, e os varios coloniais de envergadura que a civilização occidental revelou—momento em Inglaterra e no Imperio Britanico—toreiros vulgares. A voga de Kipling em Inglaterra e no imperio Britanico é porventura impossivel em Portugal para um escritor portuguez? Seria evidentemente um pouco exagerado dizer que ha entre nós desprezo ou sequer perseguição contra os livros ou os autores que tentam mostrar a vida tão patetica e tão estetica das nossas colonias sobre os tropicos ou sobre o equador.

—Acha que ha valores?

—Decerto, mas dispersos; e sobretudo penso que em Portugal com rarissimas excepções a todos os escritores faltam qualidades que se encontram noutros. Se têm imaginação, não têm forma, se são criticos escrevem com canivete. Numa palavra, seria necessario fazer em Portugal o *trust* dos cerebros para se conseguir arranjar três ou quatro escritores completos. A origem disto, uma lamentavel falta de intelligencia critica, que de mais, alastra por toda a nossa literatura.

—Quais as formas literarias que lhe parecem mais ricamente representadas?

—Sem duvida, a poesia. Vivemos num pais desesperadoramente lirico. Entretanto, muitos dos poetas portuguezes são-nos, apenas, porque os amigos os convenceram disso. Davam muito melhor noutra forma literaria. Tambem é frequente o contrario.

«A prosa acha-se entretanto muito bem representada e afigura-se-nos que se não fóra a preocupação de fazer «bonito» em vez de humano—tremenda consequência do possidnismo intellectual da maioria dos nossos escritores, poderíamos citar muitos valores interessantes.

—Ha de facto ambiente que favoreça o fenomeno literario?
—Parece-nos que não. As difficuldades materiais são invencíveis. Se os romancistas—e mesmo assim é preciso que os sejam de certa maneira—ainda encontram um editor, os ensaístas e os poetas têm de se editar á sua custa ou então de viver orgulhosamente sobre meia dúzia de artigos publicados «de graça» aqui e acolá. O analfabetismo é uma triste barreira impenetravel ao melhor estilo.

—Lê-se mais?

—E' uma lastima dizê-lo, mas é verdade. Menos, cada vez menos. E o mais grave é, que é justamente quem mais obrigação tem de o fazer que o evita por forma sistematica. Médicos, advogados, engenheiros, etc., são em Portugal frequentemente dum incultura literaria afflitta.

O CAFE «CHIC» serve optimos bifés e esplendido café á chavena.

Vinte anos depois

(Continuação da pagina anterior)

ao fundo em segundos, alguns milhares de homens pensando da vida para a morte sem tempo de pensar ou de sentir; os navios fantasmas, os navios de caça disfarçados em pesqueiros intocantes, dreadnoughts, submarinos, gases, fogo liquido, motores, câmbios de 420 que vomitam a morte a mais de uma centena de quilometros, coisas enormes, monstruosas, nunca vistas.

Depois a revolução alemã e Guilherme a caminho do exilio; a revolução russa e Nicolau a caminho do massacre, a Alsacia-Lorena para a Franca, a Polonia, um mundo novo. O mapa da Europa refez-se, decompoz-se, recompôs-se. A esquadra alemã internada em Scapa Flow afundou-se pelas minas dos seus antissimos guardadores. O Tratado de Versalhes assinou em 28 de junho de 1919 e a 14 de julho, concluida definitivamente a paz, desfilam as tropas por sob o Arco do Triunfo. Que saiu daí, de tudo isto? Do mar cheio de navios esburacados, da terra cheia de morte e de espanto, do céu de rancos e de chamas? Nada. O sol apparece e vai, as arvores continuam a dar frutos, os ventos a dar fillos, as searas a dar pão. A fome, o frio, a miséria não foram alarguadas, continuam instaladas na vida e nas almas. E para que se não esqueça, o homem foi aos grandes armazens da Morte e tirou um heroi ignorado. Colocou-o debaixo do Arco do Triunfo e no Mosteiro da Batalha. E ele lá dormirá até que de novo o rancor do canhão o venha acordar. A avalanche derreitada formar-se-á de novo. Primeiro será gota de agua, depois punko, depois ventre, depois bloco, depois enormidade, e virá de novo a Morte ao chamado dos homens impacientes e febris, que não têm a paciencia activa de a esperar.

(Prefacio hédoico de «Avalanche», livro da guerra, de Albino Fojaz, de Sampaio, cuja 2.ª edição é posta á venda na proxima semana).

FERREIRA DE CASTRO ETERNIDADE

Acaba de sair nova edição deste magistral romance

7.- 8.- 9. MILHARES

Um livro que revela cada um a si proprio ETERNIDADE

cuja acção tem por fundo a maravilhosa paisagem da Madeira, é um ROMANCE INESQUECIVEL

1 grosso volume brochado 12\$00 - Encad.º 15\$00

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Livraria Editora GUIMARÃES & C. — R. do Mundo — LISBOA



SE LHE DÓI A GARGANTA aplique sobre o pescoço uma pasta de

THERMOGENE

Algodão revulsivo e resolutivo, que produzindo calor, descongestiona os orgãos inflamados. Vende-se em todas as farmácias.



Automoveis sem chauffeur Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

★ PANORAMA INTERNACIONAL ★

“A Hora de Hitler.”

Quando apareceu o primeiro volume desta obra, intitulado «De Weimar ao caos», foi grande o espanto em muitos países da Europa.

O sub-título elucidativo «Memorias dum general da Reichswehr» intrigou muita gente que procurava conhecer a personalidade verdadeira do autor de tão preciosas paginas.

Efectivamente deve ser difficil conceber a existencia dum documento mais precioso sobre a actividade hitleriana e sobre as memobras subterraneas que facilitaram a chegada do chefe nazi ao poder.

As intrigas tecidas á volta do velho marechal Hindenburgo, a actividade erradamente dirigida de von Papen, os segredos misteriosos dos grandes agricultores da Prussia Oriental e a intervencao desafiada do Club dos Senhores constituem outros tantos capitulos desta novela apaixonante. Ela divulga ainda os verdadeiros propositos do exercito alemão, essa Reichswehr armada até aos dentes e preparada para todas as eventualidades, que se propõe ainda hoje dizer a ultima palavra que deve epilgar a tragedia germanica do «post-guerra».

O autor da «Hora de Hitler» deve ter conhecido, na intimidade, todos os aristocratas, os politicos, os generais e os chefes socialistas que successivamente occuparam o primeiro plano no drama que se iniciou com a assinatura do Tratado de Versailles.

As suas opinões aparecem sempre fundamentadas em documentos ou acontecimentos que em certa altura, impressionaram a opiniao publica de todo o mundo. Mas a descricao das personagens principais que provocaram o exito do nacional-socialismo, Goering, Goebbels, Rohem, apparece nas paginas deste livro, sensacional, como um pedaço de verdade que nada conseguirá deminuir ou fazer desaparecer.

A chegada de Hitler ao poder constituiu um motivo justificado de admiracao para muitos dos seus mais dedicados correccionarios e intimos amigos. Como se operou esse milagre conta-o, de maneira suggestiva, o autor da «Hora de Hitler», general da Reichswehr e conhecedor dos seus compatriotas.

“Discurso aos franceses.”

Este «Discurso aos franceses» que Emmanuel Berl compoz para honrar e elucidar os seus compatriotas apresenta pontos de vista bem originaes. O director da «Marianne» consagrara-se ha muito



A Austria tutelada pela Italia e pela Inglaterra.
(Do «Simplicissimus».)



Racismo ou a anexação de todos os homens notaveis pela Alemanha
(Na primeira fila: Dante e Cristovão Colombo)

(Do «Guerin Meschino».)

como um observador lucido e penetrante das coisas e dos homens da sua terra. A paixao nunca lhe perturbou a visao clara das debilidades e dos erros que, nas camadas dirigentes como entre os dirigidos, se têm cometido na doce terra de Franca.

O livro que acaba de editar serve apenas para confirmar estes creditos, ganhos brilhantemente. Emmanuel Berl não poupa os seus compatriotas a censuras; mas não deixa tambem de os louvar sempre que isso se lhe afigura justo e legitimo. De dois males sofre, em seu entender, a patria que muito estremece.

Em primeiro lugar a Franca não soube dar um lugar sufficientemente largo aos novos que desejam conquistar posicoes de comando. Por falta de intelligencia ou de tacto? Apenas porque os velhos duraram muito mais tempo do que seria legitimo esperar da sua capacidade de resistencia. Os exemplos citados pelo autor do livro são concludentes: Clemenceau, Poincaré, Doumergue, salvadores todos septuagenarios. Que dizer então do Senado cuja actividade condicional a propria vida das instituicoes? Não escasseiam entre os habitantes do Luxemburgo reliquias veneraveis que passaram ha muito a casa dos oitenta. Mas o que se passa na politica, passa-se igualmente nas letras e no teatro. Citar o sr. Bienvenu Martin, sem fazer referencias ao octogenario sr. Paul Bourget ou ás irreconciliaveis Cécile Sorel e Mistinguett seria deixar truncado o enunciado dum principio cuja legitimidade ninguem contestará.

Segundo mal da Franca dos nossos dias, segundo Emmanuel Berl: a ansia de justificacao que anima todos os franceses que permecerem querer desculpar-se permanentemente das victorias que ga-

nharam ou das riquezas que accumularam.

Isso transforma-os em culpados de delitos que não cometeram. E constitui o mais forte argumento que os seus adversarios podem invocar para crescer numa opiniao que chegou ao seu ponto critico.

O renascimento da novela

Paul Morand deixa, com a habilidade que facilmente se avia, uma collecao subordinada a este titulo. «As edicoes da N. R. F.» são caracteristicamente elegantes. De mistura com alguns consagrados que andam esquecidos, Morand vai revellando algumas aptidões literarias de primeira ordem, e dando um premio merecido a outros escritores que, de outra maneira, teriam alguma dificuldade em se verem editados. Assim encontramos, numa confusao simpatica e alicianté, os nomes de Poe, Tom-guonievff, Joseph Conrad e Ivan Bonine, misturados com os de Jean Cassou, Francis de Miromandré, Guy de Tourtalés e Edmund Jaloux, e ainda com os de Charles Braibout e Irene Nemirovsky. Precisamente estes virmos divulgados originaes sem que o publico acolhesse com significativa simpatia e decidido aplauso. «Fitas faladas» de Irene Nemirovsky conseguiu uma verdadeira consagração, com entrevistas nos jornais e todo o cortejo de occupações que costuma acompanhar o triunfo nas competicoes literarias.

O livrinho de Charles Braibout, de sessete contos em duzentas e sessenta paginas, pode bem considerar-se uma revelação. Sobretudo a primeira novela, que dá o titulo ao livro e que o autor dedica a Duhamel, é uma obra prima no set: genero. «Resplendine e outras victimas» assim se chama a obra desprezenciosa e encantadora que Charles Braibout

compoz, sem outras preocupações que não fossem as de relatar, em linguagem ás: tocante simplicidade uma duzia e meia de episodios que feriam a sua sensibilidade. «Resplendine» evoca um periodo distante da historia com a mesma saborosa frescura que o autor empresta ao relato vivido das algumas cenas do seu e do nosso tempo. Mas é talvez na reconstituicao de pequenos episodios, ocorridos ha centenas de anos, que Braibout revela todo o seu poder de novelista: toda a sua excepcional aptidão para animar o passado.

Sob o signo de Descartes

Pelo que dizem os jornais franceses, a Exposicao que se realizará em Paris no ano de 1937 será consagrada á glorificacao da Ciencia, Filsofos e sabios, presidiados pelo grande Paul Valery, trabalharam nesse sentido com entusiasmo e escriptura.

Haverá nos subterraneos do vasto edificio do Trocadero o «Palacio da Descoberta» e o director do Museu de Ethnografia, o sr. Rivet, apresentará, em imagens, quadros e graficos suggestivos, a historia da evolucao do Homem. A tal respeito escreve o «Temps» que a Exposicao fica assim sob o signo de Descartes. Não ha como a Franca para instalar intelligencia pura nos trabalhos que mais parecem dependerem apenas do gosto decorativo e do culto da organizacao pratica.

Ballados russos

As memorias de Stravinski estao sendo publicadas em varias revistas, capitulo a capitulo. É uma época de entusiasmo exaltado pela arte da Danca que revive nas «epoçoes do famoso atleta» homem de apurado gosto e, em suma, desinteressado na sua paixao absorvente. Na «Revue Musicale», na «Revista del Occidente» Stravinski diz-nos as dificuldades inumeras, os obstaculos quasi insuperaveis, que dia a dia tinha de vencer para apresentar os ballados fascinantes de que Lisboa admirou alguns, aqui trazidos por Diaghilev.

Paginas de estranho encanto, com um penetrante sabor do ante-guerra, quando a Europa inteira não tinha ainda esquecido o agradavel dever de aplaudir a Belezza.

Hoje, os «Ballados Russos» são uma recordação, embora sempre irradiante de raça elegancia sem par.



Hitler, como as divindades budistas, dispõe de multiplos braços: á direita — 1.º braço, o emblema nazi; 2.º braço, a chancelaria; 3.º braço, a tesouraria; á esquerda — 1.º braço, a presidencia do Reich; 2.º braço, a Constituição, e 3.º, o exercito
(Cartão humor chinês)

Estão novamente suspensas as remessas e satisfações de pedidos, do livro

LISBOA SEM CAMISA

de Armando Ferreira
A reimprimir, e dentro de
10 dias á venda
o 5.º e 6.º milhar